



PLANTAR COMUNIDADES: ELEMENTOS PARA A IGREJA SEMEAR A BOA NOVA EM ÁREAS PIONEIRAS

George Luis Gessner¹

RESUMO

A pesquisa *Plantar Comunidades: Elementos para a igreja semear a boa nova em áreas pioneiras* levanta e aprofunda importantes elementos da proposta de plantar comunidades. Possui a intenção de desenvolver uma base para atuação desse ministério missionário na igreja cristã. Assim, desenvolve uma compreensão do tema por meio da construção de um apanhado histórico, de uma análise dos termos *plantar* e *comunidades* separadamente e da formulação de uma conceituação. Também apresenta uma fundamentação bíblico-teológica do tema a partir do mandato de Jesus Cristo na grande comissão e sua aplicação na comunidade cristã primitiva. E a partir de todos esses impulsos, destaca elementos importantes da plantação de comunidades e os aprofunda. Os elementos abordados são: um comissionamento, que leve em consideração a dimensão do chamado e a oração; um preparo, que forme uma equipe e identifique o público-alvo; um contato evangelístico, que encarne o contexto local e parta de um grupo núcleo; uma pregação evangelística, que seja contextualizada e chame a um compromisso com Jesus Cristo; e a formação de uma nova comunidade, que discipule e se

¹ George Luis Gessner é bacharel em teologia, tendo concluído sua graduação na FLT – Faculdade Luterana de Teologia em 2009. Atua como Missionário da *Missão Evangélica União Cristã* em Palmitos/SC. O presente artigo é a versão levemente modificada de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, entregue pelo autor como pré-requisito para a conclusão do curso de bacharelado em teologia. Seja mencionado que as reflexões do autor foram feitas, originalmente, para dentro do contexto eclesialístico da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB. E-mail: george.gessner@meuc.org.br .

engaje missionariamente. Conclui sem elaborar uma ordem de importância entre os elementos, mas destacando a necessidade de assumir a realidade local. Ainda alerta sobre o perigo de reduzir a Missão de Deus ou o plantar comunidades à mera obra humana, sem considerar que é, em primeiro lugar, obra de Deus.

Palavras-chave: Plantar comunidades, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, elementos, ministério missionário.

ABSTRACT

The research, named *Plant Communities: Elements to the IECLB sow the good news in pioneer areas*, treats important elements of the planting communities proposal. It intends to develop a base for missionary activity in the church. Thus, it develops an understanding of the issue through the construction of a historical overview, an analysis of the terms *plant* and *communities* taken separately and the formulation of a concept. The research also presents the biblical and theological foundations of the theme from the mandate of Jesus Christ in the great commission and its application in the early Christian community. And, from all these impulses, it highlights important elements of the plantation of communities, deepening them. The elements addressed are: a commissioning, which takes into account the dimension of the call and the prayer, a preparation that makes a team and identify the target audience; an evangelistic contact, which assimilates the local context and starts from a core group, an evangelistic preaching, that is contextualized and calls for a commitment to Jesus Christ, and the formation of a new community, which makes disciples and engages missionary. It concludes without an elaboration of importance order among the elements, but emphasizes the importance of taking the local reality into account. It also warns about the danger of reducing the mission of God or the plant communities to mere work of man, not considering that it is, firstly, work of God.

Keywords: Plant communities, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, elements, missionary ministry.

INTRODUÇÃO

A pesquisa *Plantar Comunidades: Elementos para a igreja semear a boa nova em áreas pioneiras* possui duas dimensões: em primeiro lugar, ela constitui uma reflexão geral sobre tema “plantar igrejas”, tendo em vista a missão da igreja cristã. Em segundo lugar,

ela reflete sobre esse assunto para dentro da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB. Ao levar em conta essa segunda dimensão, ela articula um tema central da teologia prática para dentro de um contexto específico. Isso representa um afinamento do tema e, ao mesmo tempo, possibilita ao leitor o confronto com uma situação eclesial concreta, a partir da qual ele pode refletir criticamente sobre a situação em sua própria denominação ou igreja local.

Iniciamos com uma breve exposição sobre o contexto, para dentro do qual o tema foi refletido.

Os imigrantes alemães, que mais tarde formariam a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), vieram para as terras brasileiras em busca de melhores condições de sobrevivência e de um futuro melhor. Quando chegaram, defrontaram-se com um país estranho em um novo continente. Diante dessa realidade, era natural que sua preocupação primordial estava na preservação, e não na propagação de sua fé. Não possuíam a intenção de iniciar uma nova obra missionária, mesmo porque isso era proibido no Brasil imperial. Cedo, o povo luterano aprendeu a ser meramente tolerado. Esse passado deixou profundas marcas que, mesmo após a proclamação da liberdade religiosa, não puderam ser apagadas.²

O despertar da IECLB para a tarefa missionária foi um processo longo. Atualmente, valiosos passos já foram dados. Um deles é a formulação de um documento oficial, que visa unificar a IECLB no propósito comum da missão. A última versão desse documento, denominado Plano de Ação Missionária da IECLB (PAMI), coloca o compromisso da igreja com a Missão de Deus e sua responsabilidade

2 BRAKEMEIER, Gottfried. *A viabilidade da IECLB*. IECLB, 2005. Disponível em: <http://www.ieclb.org.br/noticia.php?id=7696>. Acesso em 02/04/2008.

de transmitir o evangelho na realidade brasileira. Além disso, fornece orientações práticas para essa tarefa, entre elas, a criação de novas comunidades.³ No entanto, como criar comunidades na realidade brasileira? Como levar o evangelho a áreas pioneiras? Que passos tomar? Que elementos devem ser observados?

Seu objetivo é fornecer subsídios que auxiliem na plantação de comunidades e assim contribuir para um engajamento mais efetivo da igreja cristã, em especial da IECLB, na tarefa missionária. Para tal, inicialmente será clareada a compreensão do plantar comunidades, bem como sua fundamentação bíblico-teológica. Depois, serão estabelecidas conexões entre o PAMI e a plantação de comunidades. E ainda, num terceiro momento, por meio de um diálogo entre os referenciais teóricos e a pesquisa de campo, serão destacados e aprofundados elementos importantes para plantar comunidades da IECLB.

De maneira alguma, essa pesquisa arroga para si a pretensão de ser um projeto piloto ou uma metodologia estática e infalível às múltiplas realidades. Antes, quer auxiliar a igreja cristã a ser sal e luz na realidade brasileira, adentrando em seu contexto com o evangelho em mãos.

3 PINTO, Homero Severo (org.). *Missão de Deus – nossa paixão: texto-base para o plano de ação missionária da IECLB 2008-2012*. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 10, 20, 74.

I. COMPREENSÃO E FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA DO PLANTAR COMUNIDADES

1. Compreensão do plantar comunidades

Esta pesquisa iniciará refletindo acerca de uma compreensão adequada para a temática proposta: *plantar comunidades*. Para tal, inicialmente serão elucidados pontos referentes ao seu desenvolvimento histórico. Após isso, será aprofundado o significado de cada termo separadamente. Tudo isso contribuirá para a formulação de uma conceituação mais ampla e completa do tema.

1.1. Apanhado histórico – da edificação à plantação de comunidades

A formulação *plantar comunidades* somente começou a ser empregada a partir da década de 1990. Antes se utilizava a terminologia *edificação*, que era compreendida como a tarefa missionária tanto de fundar, quanto de revitalizar comunidades.⁴ Assim, o presente apanhado histórico iniciará refletindo o desenvolvimento da proposta de edificação para depois chegar ao conceito de plantação de comunidades. Para tal, serão estudados os ambientes norte-americano e europeu, onde o tema encontrou maior destaque.⁵

4 ZIMMERMANN, Johannes. “Was wurde aus dem missionarischen Gemeindeaufbau? Zwischenbilanz 25 Jahre nach Überschaubare Gemeinde”. In: HERBST, Michael; OHLEMACHER, Jörg; ZIMMERMANN, Johannes. *Missionarische Perspektiven für einne Kirche der Zukunft*. 3 ed. Neukirchen-vluyn: Neukirchener Verlag, 2008, p. 87, 92, 93.

5 VOLKMANN, Martin. “Edificação de comunidade”. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (org.). *Teologia Prática no Contexto da América*

Nos Estados Unidos, edificação de comunidades é fortemente desenvolvida com a proposta de *Crescimento da Igreja (Church Growth)*, iniciada por Donald McGavran. Seu interesse pelo tema foi despertado em 1934, pelas ideias do bispo metodista Jarrell Waskom Pickett. Desde então, até a década de 1950, McGavran dedicou-se ao trabalho missionário na Índia e a visitar campos missionários para aprender com seus êxitos e fracassos. Durante esse período, formulou seus princípios, os quais foram publicados nas obras *The Bridges of God* e *How Churches Grow*, em 1955. Ambas não obtiveram um grande impacto.⁶

Então, entre 1956 e 1960, Donald McGavran trabalhou em uma sociedade missionária, onde ficou encarregado de vistoriar igrejas em diversos países. Depois, em 1961, fundou o Seminário Teológico Fuller de Missão Mundial. Tudo isso possibilitou que, na década de 1960, seus princípios fossem adaptados e sistematizados para os cinco continentes. O fruto do seu estudo foi publicado em 1970, na obra *Understanding Church Growth*: a qual figura para muitos estudiosos como marco de fundação do Movimento de Crescimento da Igreja (*Church Growth Movement*).⁷

Até então, o Movimento de Crescimento da Igreja estava focado unilateralmente no trabalho missionário em outros países. Só em 1972, que McGavran e um membro da sua igreja, chamado C. Peter Wagner, aplicaram um curso voltado para pastores norte-americanos. Win Arn, aluno da primeira turma do curso, mais tarde funda o Instituto Americano para o Crescimento da Igreja e assim dá

6 *Latina*. 2 ed. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: Sinodal, p. 173.

CONWAY, Susan. *Roots of the Church Growth Movement*. Disponível em: <www.crossroad.to/Quotes/Church/Conway/church-growth/cgm-roots.htm>. 7 Acesso em: 20/10/2008.

8 *Ibid*.

continuidade à obra em seu próprio país.⁸

Poucas informações foram encontradas sobre as décadas seguintes. No entanto, sabe-se que foi uma época marcada por discussões e contestações. O Movimento de Crescimento da Igreja via o crescimento da igreja como sua missão primária. Para alcançá-lo utilizou as ciências sociais e comportamentais. Entretanto, a crítica viu de maneira negativa a associação do movimento com as outras ciências. Além disso, também alertou quanto ao perigo do crescimento numérico se tornar o único critério para as missões.⁹

Impulsionado pelo Movimento de Crescimento da Igreja, o tema edificação de comunidades emerge com grande intensidade na Europa, em especial no contexto germânico.¹⁰ Nesse cenário, o assunto surge com duas publicações pioneiras: em 1977 *Wie wird Kirche neu?* de Theo Sorg e em 1979 *Überschaubare Gemeinde* de Fritz Schwartz. Essas publicações constituem o ponto de partida do assunto na Europa. Zimmermann não entra em muitos detalhes da obra de Theo Sorg, mas destaca F. Schwartz como um autor que reflete teologicamente suas experiências, remontando um estilo bem peculiar. A abordagem de Schwarz acaba desvinculando diversos conceitos que haviam se popularizado na igreja de seu tempo. Por exemplo, esboça que o ponto de partida da construção de comunidades é a fé, pois apenas o batismo não garante sua real membresia. Dessa maneira, direciona a evangelização não só para os não-cristãos, mas também para os cristãos nominais.¹¹

9 Ibid.

Cf. ELLIOTT, Ralph H. “*Dungers of the Church Growth Movement*”. In: *Christian Century*, agosto, 1981. Disponível em: <www.religion-online.org/showarticle.asp?title=1723>. Acesso em: 20/10/2008.

11 Martin VOLKMANN, *Edificação de comunidade*, p. 185.

ZIMMERMANN, Johannes. “*Was wurde aus dem missionarischen Gemeindeaufbau? Zwischenbilanz 25 Jahre nach Überschaubare Gemeinde*”.

Na década de 1980, Fritz Schwartz, junto com seu filho Christian A. Schwartz, dão continuidade ao tema edificação de comunidades, efetuando mais uma publicação: *Theologie des Gemeindeaufbau: Ein Versuch*. Também nessa década, a temática dá um importante passo ao alcançar círculos acadêmicos. Especialmente Manfred Seitz pleiteou que o assunto fosse incluído na formação acadêmica, o que de fato ocorre em Erlangen, universidade onde Seitz trabalhava.¹² Além de alcançar a academia, o assunto também despertou o interesse das comunidades. Fato que pode ser comprovado, por exemplo, com o comparecimento de mais de mil pastores em um congresso que tratava o tema na cidade de Studgart, em 1987.¹³

A edificação de comunidade ocupou lugar central nos debates da década de 1980. Já na década seguinte, bem como no início dos anos 2000, o interesse pelo assunto diminuiu. Desde então, a temática *liturgia* passou a ocupar lugar proeminente na pesquisa da teologia prática. A discussão em torno do assunto não desapareceu, pois pietistas, evangélicos e grupos carismáticos continuaram refletindo-o. Um de seus desafios era falar de fundação de comunidades em um país onde a igreja é estatal e está presente em todo o território nacional, sem parecerem separatistas. Tendo essa preocupação em vista, os grupos envolvidos rejeitam a terminologia *fundação*, para adotar *plantação de comunidades*.¹⁴ Portanto, o uso da expressão *plantar comunidades* é bem recente no campo da teologia

In: HERBST, Michael; OHLEMACHER, Jörg; ZIMMERMANN, Johannes. *Missionarische Perspektiven für einne Kirche der Zukunft*. 3 ed. Neukirchen-vluyn: Neukirchener Verlag, 2008. P. 86.

12 Martin VOLKMANN, *Edificação de comunidade*, p. 174.

13 Johannes ZIMMERMANN, op. cit, p. 86-87.

14 Ibid., p. 89, 92.

prática, porém, fruto de todo um desenvolvimento da proposta de edificação de comunidades.

Ainda nos anos 1990, emergiu uma importante contribuição para o plantar comunidades, no contexto europeu. Tratava-se do estudo *Breaking New Ground* (BNG), publicado a partir do meio anglicano, em 1994. Trazia orientações práticas para formar congregações a partir de pequenos grupos de cristãos. Objetivava formar comunidades independentes e maduras para formar outras congregações.¹⁵ M. Herbst coloca que, também a partir de 1994, confere-se mais atenção ao processo de assimilação do contexto na plantação de comunidades. O autor não apresenta o motivo desse novo impulso, mas possivelmente está conectado com a publicação do BNG.¹⁶

Na Alemanha, as propostas de edificação não encontraram somente adesão, mas também questionamentos. Rudolf Weht, por exemplo, emitiu sua contribuição ao publicar, em 1986, um compêndio com várias impressões e perguntas pertinentes. Entre elas se encontra seu questionamento, se na edificação de comunidade, pode-se planejar e apontar para alvos bem concretos?¹⁷ Com essa problematização, Weht parece alertar sobre o perigo de compreender comunidade como consequência de metas e planejamento e não como fruto do agir de Deus. Aparentemente, essa era a principal raiz dos debates, tanto no cenário americano, quanto no europeu, proteger a eclesiologia de um paradigma antropológico. Em outras palavras,

15 LINGS, George. In: *CHURCH OF ENGLAND. Braking New Grond: Church Planting in the church of England*. London: Church House Publisching, 1994. Disponível em: <www.encountersontheedge.org.uk/MS/MSCreports/Suggestedguidelines.htm>. Acesso em: 20/10/2008.

16 HERBST, Michael. *Mission bringt Gemeinde in Form*. 2 ed. Neukirchen-vluyn: Aussat, 2007, p. 78.

17 Ibid., p. 87.

rejeitava-se uma metodologia humana de crescimento, para proteger a premissa teológica de que comunidade é criada por Deus, por meio de sua palavra.

Christian A. Schwarz defende a ideia de que a técnica e a premissa teológica não são realidades excludentes. Dois aspectos da sua fundamentação bíblica, a partir da metáfora agrícola em 1Co 3.6-9, já são o suficiente para clarear a questão. Em primeiro lugar, um agricultor sabe que pode plantar, regar e colher, mas também está consciente de que não pode fazer a plantação crescer. Em segundo lugar, o lavrador que trabalha arduamente pode esperar uma colheita melhor do que quem não o faz. No entanto, a técnica não é garantia de uma colheita melhor, pois uma tempestade apenas poderia arrasar toda a plantação.¹⁸ Da mesma forma, na edificação e plantação de comunidades é recomendável utilizar um planejamento pautado em técnicas e descobertas do comportamento humano. Entretanto, deve-se estar consciente da limitação que nada disso é garantia de sucesso, pois, em primeiro lugar, uma nova comunidade se forma a partir do agir de Deus, em sua palavra.

Na IECLB, os temas missão e edificação de comunidades nem sempre estiveram presentes. Os imigrantes, que iniciaram a igreja, estavam mais preocupados em conservar a sua fé em um país estranho, do que transmiti-la a outros. Aliás, atividades missionárias eram proibidas no Brasil, antes de 1889. O despertar para a tarefa missionária foi fruto de um longo processo. O tema missão foi tratado, pela primeira vez, no IX concílio geral, realizado em 1974. Desde então, circunstâncias, como a concorrência religiosa, fomentaram a reflexão do tema. O passo adiante foi a publicação das duas edições

¹⁸ SCHWARZ, Christian. *Mudança de Paradigma na Igreja: como o desenvolvimento natural da igreja pode transformar o pensamento teológico*. Curitiba: Esperança, 2001, p. 257.

do Plano de Ação Missionária da IECLB,¹⁹ os quais apresentam propostas concretas de edificação de comunidades.²⁰

1.2. Considerações referentes aos termos *plantar* e *comunidade* separadamente

O estudo BNG recomenda analisar os termos *plantar* e *comunidades* separadamente. Procedendo dessa forma, será possível compreender melhor a ênfase e a profundidade de cada uma das duas palavras.²¹

Inicialmente, deve-se ponderar que *plantar* é uma metáfora agrícola que faz referência a um processo totalmente orgânico, totalmente vivo. Na agricultura é assim, a morte é pré-requisito para que a vida surja. Existem analogias neotestamentárias a esse respeito (1Co 15.37-38; João 12.23ss), que, apesar de possuírem alvos distintos aos nossos, complementam a ideia. Essas passagens trazem consigo o princípio: *O que é semeado, não ficará vivo se não morrer*. Tal colocação se constitui como uma verdade para o *plantar comunidades*. As sementes devem ser lançadas no novo contexto missionário, onde morrem para que novos grãos sejam produzidos. Ou seja, a equipe de plantação perde sua primeira identidade advinda de sua comunidade original, para misturar-se ao novo contexto. No novo local, as raízes serão colocadas e, deste solo, serão retirados os nutrientes necessários para que surja um novo corpo de fé, um corpo de novos crentes. Assim, *plantar* é um termo que traz consigo a radicalidade da morte, apontando para uma profunda assimilação

19 O PAMI 2001-2007 e 2008-2012 serão trabalhados de maneira mais extensa no próximo capítulo.

20 Gottfried BRAKEMEIER, *A viabilidade da IECLB*.

21 Michael HERBST, *Mission bringt Gemeinde in Form*, p. 76.

do contexto.²²

Termos como *transplantar*, *implantar* e *alongar* são designações incompletas por não contemplarem a radicalidade da transformação que deve ocorrer. Já o termo *plantar* adquire uma grande profundidade de significado por abarcar a radicalidade do processo. Todas as comunidades que se ocupam com tal ministério devem estar conscientes de que precisam morrer para viver. Quando não se toma o cuidado necessário, desconsiderando o contexto local, o que emerge é apenas um clone. Quando se começa algo novo em um determinado local, porém, internamente não há uma identificação com o novo contexto por meio desse processo de morte, não se está *plantando*, mas apenas *assumindo* uma nova comunidade. Assim, *plantar* significa dar origem a uma nova comunidade com características próprias advindas de seu próprio contexto.²³

A fé vem por meio da palavra de Deus. Portanto a palavra configura-se como a força geradora de comunidade. Nesse sentido, comunidade é *creatura verbi*.²⁴ Michael Herbst a define da seguinte maneira:

“Comunidade é um grupo de cristãos que se origina de um determinado bairro, contexto cultural ou profissional, que estão sob uma liderança autorizada da igreja, em cujos cultos e vida comunitária há regular pregação da palavra de Deus e livremente incluem os dois sacramentos: batismo e santa ceia”.²⁵

22 Ibid., p. 78.

23 Michael HERBST, *Mission bringt Gemeinde in Form*, p. 78-80.

24 Johannes ZIMERMANN, *Was wurde aus dem missionarischen Gemeindeaufbau?*, p. 85.

25 “Gemeinde ist eine Gruppe von Christen, die aus einem klar umrissenen Wohnumfeld, kulturellen Kontext oder Netzwerk kommt, die unter einer von der Kirche autorisierten Leitung steht, und deren Gottesdienste und Gemeindegemeinschaften das regelmäßige Predigen des Wortes Gottes und die Feier der beiden Sakramente Taufe und Abendmahl einschließen”. In: Michael HERBST,

Essa compreensão deixa claro que são as pessoas que compõem uma comunidade e não as construções civis. Trata-se de homens e mulheres que se sentem arraigadas a uma comunhão cristã e, por consequência, amarram-se conscientemente a um endereço.²⁶ A formulação do autor ainda destaca a centralidade da palavra e dos sacramentos na vida comunitária. A relação entre comunidade e os meios da graça é tão intensa que, se não houver pregação do evangelho e administração dos sacramentos, também não há comunidade. Assim, os elementos aparecem de tal forma conectados, que não se pode falar deles como duas grandezas autônomas.

Ainda é necessário destacar a identidade missionária da comunidade. Para Zimmermann a comunidade, como uma nova forma de socialização presenteada e renovada por Cristo, está ligada à responsabilidade de reproduzir essa forma social. Ou seja, muito mais do que uma busca por um círculo de convívio amistoso, a formação de comunidade inclui a tarefa criadora de comunhão cristã adiante.²⁷ Esse aspecto também não é de um valor relativo para Herbst. Ele coloca que, se a missão do reino de Deus não está inserida no DNA da semente da nova comunidade, a nova planta inevitavelmente se tornará infrutífera. Em outras palavras, isso significa que, se a visão missionária não fizer parte da identidade da nova vida comunitária, esta terá poucas probabilidades de sobreviver.²⁸

Ainda utilizando a analogia agrícola, é perceptível que o termo comunidade quer enfatizar que a nova planta será composta por pessoas e não tijolos. Interessante que a Confissão de Augsburgo

op. cit., p. 81. Tradução: Sérgio Gessner.

26 Ibid., p. 81.

27 Johannes ZIMMERMANN, op. cit., p.85.

28 Michael HERBST, op. cit., p. 82.

define igreja também como uma comunhão de crentes (CA VII). Assim a escolha do termo igreja, em vez de comunidade, não estaria errada, mas aparentemente o autor quer, com sua escolha, proteger-se de uma associação popular entre igreja e templo. Portanto, conclui-se que o que se pretende com a escolha terminológica *comunidade* é justamente enfatizar o caráter de *comunhão* interpessoal, que é fruto do agir de Deus e que assume seu papel missionário.

1.3. O que é plantar comunidades?

A hipótese de trabalho formulada em 1991 pelo pastor Bob Hopkins, figura como um bom ponto de partida para uma formulação completa do que é *plantar comunidades*. Ele coloca que: “plantar comunidade significa tomar parte na missão de Deus, enquanto nós criamos novas comunidades de fé cristã, para tentar colocar essa expressão em cada contexto geográfico e cultural”.²⁹ Essa formulação está correta e também parece estar muito bem fundamentada no mandato da grande comissão (Mt 28.19). Por outro lado, apresenta-se demasiadamente breve e flexível. Isso, pois não aborda o *plantar* com a profundidade de significado já mencionada. Também não especifica uma clara forma de vida comunitária. Além de não proteger suficientemente a base teológica, tão debatida na história, de comunidade como *creatura verbi*. Diante disso, seria possível uma série de conjecturas e interpretações quanto ao ser e o objetivo da nova comunidade.

Tendo em vista todas essas observações, uma formulação

29 “*Gemeindepflanzung bedeutet, an der Mission Gottes teilzuhaben, indem wir neue Gemeinschaften des christlichen Glaubens schaffen, um so seinem Reich in jedem geographischen und kulturellen Kontext Ausdruck zu verleihen*”. In: Michael HERBST, *Mission bringt Gemeinde in Form*, p. 76. Tradução: Sérgio Gessner.

mais completa seria:

“Plantar comunidades é o processo pelo qual a semente da vida e a boa nova Jesus Cristo são plantadas e se corporalizam por meio de uma comunhão de cristãos por razões missionárias, em um determinado contexto cultural ou geográfico. Essa comunhão deverá criar raízes, para que lá surja uma bem nova, única e, do contexto cultural, crescente forma do corpo de Cristo. Esses seguidores de Cristo devem, por sua vez, estar em condições de assumir de forma escalonada a tarefa missionária”.³⁰

Essa formulação destaca a riqueza terminológica do *plantar*, ao clareá-lo como um processo que possibilita o surgimento de uma comunidade contextualizada com seu meio. Também enfatiza a *comunidade* como realidade humana e detentora de uma rica identidade missionária. Além de tudo, ainda resguarda a premissa teológica básica de que comunidade não é consequência da técnica humana, mas fruto da boa nova Jesus Cristo. Certamente que essa formulação de Michael Herbst não é a única possível, mas será adotada, tendo em vista que apresenta, de maneira satisfatória, importantes aspectos do *plantar comunidades*, identificados até aqui.

2. Fundamentação Bíblica do plantar comunidades

A reflexão e a ação missionária da igreja cristã não devem e nem podem estar desassociadas de uma sólida base bíblico-teológica.

³⁰ “*Gemeinde pflanzen is der Prozess, durch den die Saat des Lebens und der Botschaft Jesu Christi, verkörpert durch eine Gemeinschaft von Christen, aus missionarischen Gründen in einen bestimmten kulturellen oder geographischen Kontext eingepflanzt wird. Diese Gemeinschaft soll dort Wurzeln schlagen, damit eine ganz neue, eigenständige und aus dem kulturellen Kontext erwachsene Gestalt des Leibes Christi entsteht. Diese Nachfolger Christi sollen ihrerseits in der Lage sein, den Staffelstab zu übernehmen und sich den missionarischen Auftrag zu eigen zu machen*”. In: Ibid. p. 80-81. Tradução: Sérgio Gessner.

Nessa parte, o *plantar comunidades* será justamente situado, aprofundado e justificado a partir de uma abordagem das Escrituras. Para tal, subdividiremos o trabalho em dois blocos: fundamentação bíblica por meio do relato da grande comissão e da prática cristã primitiva.

2.1. Fundamentação Bíblica do plantar comunidades – relatos da grande comissão

Nos relatos da *grande comissão*, nos evangelhos e em Atos dos apóstolos, encontra-se o envio dos discípulos por parte de Jesus Cristo. Revela assim aquilo que deveria ser empreendido por seus seguidores após a sua ascensão. Para facilitar o estudo, a perícopes segundo o evangelho de Mateus será estudada inicialmente e também de maneira mais detalhada. Os demais relatos serão brevemente pontuados, servindo como um complemento.

Segundo o evangelho de Mateus, após sua ressurreição (28.1-8), Jesus Cristo aparece a algumas mulheres que o seguiam (28.9-10). Estas foram incumbidas de avisar os demais discípulos, marcando um último encontro a se realizar na Galileia (28.7,10). Imediatamente após o relato do suborno aos guardas que guardavam o sepulcro (28.11-15), somos defrontados com a perícopes estudada (28.16-20), a qual revela o mandamento final de Cristo, sendo por isso uma das passagens mais utilizadas para lembrar os cristãos de sua tarefa primária.

Antes do mandato em si, é pontuada a estreita relação existente entre este e a autoridade (ἐξουσία) total do próprio Cristo glorificado (v. 18). Tal relação é identificada claramente pela conjunção *portanto* (οὖν). Isso significa que nenhuma localidade do mundo se encontra fora da esfera de atuação do poder de Jesus Cristo.

Portanto, o mandamento é dado por aquele que pode conceder tudo o que seus discípulos precisam para cumpri-lo.³¹ Seguindo a análise, verifica-se que, ao contrário da maioria das traduções portuguesas, o verbo *ir* (πορευθέντες) não é um imperativo, mas sim, particípio (v. 19). Tal alteração não implica grandes discrepâncias de significado, entretanto, desloca a ênfase para o próximo verbo, que está realmente no imperativo *fazei discípulos* (μαθητεύσατε). O discipulado figura como uma atividade constituída por dois aspectos: batismo (βαπτίζοντες) e ensino (διδάσκοντες).

βαπτίζω foi o termo técnico adotado para designar o batismo. Figura nos evangelhos referindo-se quase inteiramente à prática de João Batista. Já no livro de Atos, quase sempre diz respeito ao batismo cristão. Nesse sentido, fica claro que o mandato para os discípulos batizarem é algo novo na *grande comissão*. João pregava um “batismo de arrependimento para remissão de pecados” (Mc 1.4). Ou seja, estava intimamente conectado com o perdão e com a mudança de vida. Com o batismo cristão ocorre o mesmo, porém, arraigado na ação redentora de Jesus Cristo (Rm 6.4-8).³²

διδάσκω ocorre 95 vezes no NT, sendo que 47 dessas ocorrências estão nos evangelhos. A partir dessa numeração, pode-se ter uma ideia do quanto o ministério de Jesus Cristo foi marcado pelo ensino. Pelos evangelhos, especialmente em Mateus, percebe-se que esse termo não transmite a ideia de desenvolver as capacidades de uma pessoa, mas de ensiná-la a viver.³³ Assim adquire caráter mais

31 SÁNCHEZ, Daniel R.; SMITH, Ebbie C.; WATKE, Curtis E. *Cómo sembrar iglesias en el siglo XXI*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 2001, p. 23.

32 BEASLEY-MURRAY, G. R. “βάπτω”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 181-182.

33 WEGENAST, K. “διδάσκω”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. Op. cit, p. 635-637.

existencial do que mera capacitação.

Portanto, o último discurso de Jesus Cristo conecta-se com a esfera do arrependimento e do ensino. O discipulado que a nova igreja deveria exercer engloba tanto a dimensão do crer, quanto da obediência.

A abrangência da comissão é identificada por uma declinação do termo ἔθνος (v. 19). Este, juntamente com suas variantes, destaca-se no cenário neotestamentário com 162 ocorrências. Pode fazer referência ao povo judeu, entretanto, é normalmente usado para designar os povos gentios. Inclusive, em cerca de 100 ocorrências, refere-se aos gentios não-cristãos. Figuram assim, como aqueles que estão afastados de um relacionamento com Deus.³⁴ Portanto, como a autoridade de Cristo se estende por todo o mundo, da mesma maneira o ensino da boa nova deve alcançar “todas as nações” (πάντα τὰ ἔθνη).

No último versículo (v. 20), Jesus Cristo promete estar com seus discípulos até a consumação dos séculos, (τῆς συντελείας τοῦ αἰῶνος). Assim fica explícita a radicalidade da *grande comissão*: aquele que tem *toda* a autoridade manda seus seguidores fazerem discípulos de *toda* a terra, ensinando *tudo* o que tinham aprendido, sendo que seu mestre estará com eles *todo* o tempo.³⁵

Os demais relatos do envio dos discípulos não contradizem a passagem de Mateus, e também não são redundantes. Antes estabelecem uma relação de complementaridade.³⁶ O evangelho

34 BIETENHARD, H. “ἔθνος”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1736-1737.

35 SÁNCHEZ, Daniel R.; SMITH, Ebbie C.; WATKE, Curtis E. *Cómo sembrar Iglesias*, p. 25.

36 HESSELGRAVE, David J. *Plantar Igrejas: Um guia para missões nacionais e trans-culturais*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1984,

segundo Marcos irá dar maior peso aos sinais que acompanharão os que creem (Mc 16.17-20), reforçando ainda mais a capacitação que provém do próprio Deus. O relato de Atos dos Apóstolos enfatiza a descida do Espírito Santo e o papel dos discípulos como testemunhas (At 1.8). Já o envio contido no evangelho de João demonstra uma relação de continuidade entre o envio dos discípulos e o do próprio Jesus Cristo (Jo 20.21). Dessa maneira, o envio do Verbo Eterno, que encarna e assume a realidade humana, é o modelo para o envio do corpo de Cristo aos confins da terra. Além disso, o texto joanino realça a concessão da autoridade para perdoar pecados (20.23).

2.2. Fundamentação Bíblica do plantar comunidades - prática cristã primitiva

O mandato de Jesus Cristo, expresso na grande comissão, foi apresentado. Entretanto, ainda resta a pergunta: como ele se desenvolveu na Igreja Primitiva? Qual foi a prática apostólica frente a tal desafio?

Primeiramente, pode-se dizer que a grande comissão teve grande impacto sobre a vida dos primeiros cristãos, fato constatado em seu entusiasmo para evangelizar. Eram homens e mulheres que, independente do seu nível social, estavam dominados por um sentimento convicto de que haviam encontrado algo totalmente novo, autêntico e satisfatório. Inundados pela certeza de conhecer o Deus verdadeiro, transmitiam a boa nova da maneira como estava ao seu alcance. O testemunho era sua vida cotidiana. Não se preocupavam com a humilhação e com o desprezo. Não negariam a Cristo, mesmo que isso lhes custasse a vida.³⁷

p. 16.

37 GREEN, Michael. *Evangelização na Igreja Primitiva*. 2 ed. São Paulo: Vida

Além do entusiasmo, constata-se que o mandato dado por Jesus de *fazer discípulos*, incluindo as dimensões do batismo e do ensino, foi tomado a sério. A tarefa da evangelização era acompanhada pelo batismo desde o início da igreja (At 2.41). Verdadeiramente era a inclusão do crente na ação redentora de Cristo, que deveria resultar em “novidade de vida” (Rm 6.4).³⁸ O ensino no Novo Testamento é visto sob duas perspectivas: 1) da proclamação, no sentido de exortar os ouvintes, ensinando-lhes o que Deus requer do ser humano; 2) e do ensino enquanto apresentação de um corpo doutrinal a ser compreendido.³⁹

Michael Green afirma que os primeiros cristãos, em sua totalidade, viam a necessidade de uma decisão por Cristo em “arrependimento, fé e batismo”. E, além disso, de uma continuidade no ensino dos apóstolos, por meio da participação regular na vida em comum da igreja.⁴⁰ Por estarem sensíveis a isso, os discípulos, especialmente o apóstolo Paulo, quando foram cumprir o mandato de Cristo, não só comunicaram a mensagem do evangelho, mas também reuniram os crentes para formar uma comunhão, na qual poderiam crescer espiritualmente.⁴¹ Tanto na antiguidade, quanto atualmente, o evangelho é transmitido a outras pessoas através de uma congregação já estabelecida ou através da formação de novas congregações. Assim, especificamente no livro de Atos, predominantemente se encontra o

Nova, 2000, p. 289-290.

38 BEASLEY-MURRAY, G. R. “βάπτω”. In: COENEN, Lothar; BROWN. Op. cit., p. 182.

39 WEGENAST, K. “διδάσκω”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. Op. cit., p. 639-640.

40 Michael GREEN, *Evangelização na Igreja Primitiva*, p. 338.

41 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 25.

objetivo específico de formar novos círculos de comunhão.⁴²

Francis Schaeffer, ao referir-se a algumas passagens do livro de Atos, expõem que: “A partir daqui o Novo Testamento claramente indica que igrejas eram formadas sempre que algumas pessoas se tornassem cristãs”.⁴³ Fala-se, por exemplo, da igreja em Jerusalém (At 2.42-47; 11.22); Antioquia (At 11.26; 13.1); Corinto (At 18.8-11; 1Co 1.2); Filipos (At 16.11-15; Fp 4.15); Éfeso (At 20.17); e da instituição de presbíteros em Derbe, Listra e Icônio (At 14.20-23). Zimmermann reforça a ideia ao colocar que o objetivo da Missão não é apenas a conversão individual ou a transformação de estruturas, mas a construção de comunidades.⁴⁴ Assim, percebe-se que a missiologia não é um fim em si mesma, pois visa a formação de comunidades. De igual forma, as novas comunidades não são um fim em si mesmas, porque precisam se engajar na Missão de Deus. Dessa maneira, os laços estreitos que ligam missiologia e eclesiologia ficam evidentes.

Portanto, verifica-se que o batismo, enquanto novidade de vida, precisava ser vivido diariamente. Os novos cristãos necessitavam de um ambiente no qual poderiam ser ensinados e orientados quanto à sua vida diária. Sendo assim, percebe-se que ambas as dimensões do discipular requerem um ambiente de comunhão, uma comunidade. A proclamação do evangelho, em sua dimensão global deveria, portanto, ser acompanhada pelo plantio de uma nova comunidade, na qual pessoas chegassem à fé no Deus triúno.

42 SHENK, David W.; STUTZMAN, Ervin R. *Criando Comunidades do Reino: Modelos neotestamentários da implantação de igrejas*. São Paulo: Cristã Unida, 1995, p. 5.

43 HESSELGRAVE, David J. *Plantar Igrejas: Um guia para missões nacionais e trans-culturais*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1984, p. 18.

44 Johannes ZIMERMANN, *Was wurde aus dem missionarischen Gemeindeaufbau?*, p. 95.

III. O PLANO DE AÇÃO MISSIONÁRIA DA IECLB E O PLANTAR COMUNIDADES

Agora que o tema já foi conceituado e fundamentado, faz-se necessário lembrar que esta pesquisa quer contribuir em um contexto bem definido, ou seja, visa a estabelecer uma base para o *plantar comunidades* vinculadas à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Nesse sentido, é de grande importância estabelecer uma análise que relacione a visão missiológica dessa igreja com a pesquisa. Para tal, será utilizado o Plano de Ação Missionária da IECLB (PAMI), por este figurar como documento e proposta oficial da igreja.

1. O PAMI 2000-2007 e sua proposta

Em outubro de 2000, por ocasião do XXII Concílio da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em Chapada dos Guimarães (MT), foi lançado o Plano de Ação Missionária da IECLB (PAMI). Sua elaboração foi fruto de um exaustivo trabalho de consultas, tanto às bases da igreja quanto aos seus parceiros nacionais e internacionais. O tema do PAMI 2000-2007 era: *recriar e criar comunidades juntos*. Sua proposta era reavivar as comunidades da IECLB por meio do evangelho e criar novas comunidades que se caracterizassem como comunidades missionárias.⁴⁵ Apresentava-se,

⁴⁵ Conforme a proposta de edificação de comunidades apresentada no item I., 1.1.

focado na dupla perspectiva de animar e instrumentalizar os diversos setores da igreja, para a elaboração de seus respectivos planos de ação missionária.⁴⁶

Para o desafio proposto, utilizava-se o jogo de palavras já citado pelo plantador de comunidades David J. Hesselgrave:⁴⁷ “Nenhuma comunidade sem missão – nenhuma missão sem comunidade”. Com ele, revelava-se o objetivo de que toda comunidade se tornasse uma comunidade missionária, e que todo o projeto missionário constituísse uma possibilidade de criação de comunidade.⁴⁸

No ano de 2006, a igreja reuniu-se para realizar uma avaliação do PAMI, por ocasião do Fórum Nacional de Missão em Florianópolis. Através de questionários, que foram respondidos nos dezoito sínodos, chegou-se a conclusão de que as metas estabelecidas não foram alcançadas. O crescimento numérico de membros previsto em 5% ao ano não se concretizou. A questão financeira permaneceu constituindo um fator limitador. O investimento em parcerias internas foi insuficiente. O crescimento qualitativo está em processo, mas ainda é necessário capacitação para colocar esse potencial a serviço. Apesar desses resultados, o PAMI 2000-2007 obteve avanços significativos. Em muitos lugares, serviu para conscientização do desafio da Missão. Estimulou sínodos e comunidades a formarem sua própria estratégia missionária. E também auxiliou no surgimento de novas iniciativas de cunho missionário.⁴⁹

46 PINTO, Homero Severo (org.). *Missão de Deus – nossa paixão: texto-base para o plano de ação missionária da IECLB 2008-2012*. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p 23-24.

47 David J. HESSELGRAVE, *Plantar Igrejas*, p. 26.

48 Homero Severo PINTO (org.), *Missão de Deus – nossa paixão*, p. 24.

49 Homero Severo PINTO (org.), *Missão de Deus – nossa paixão*, p. 25-27.

2. O PAMI 2008-2012 e sua proposta

Após um período avaliativo e reflexivo, nasce o PAMI 2008-2012. Sem dúvida, um de seus maiores impulsionadores foi seu antecessor, o PAMI 2000-2007. Os objetivos continuaram sendo promover a conscientização e o planejamento da ação missionária.⁵⁰

Um diferencial apresentado na segunda versão é uma fundamentação bíblico-teológica ampliada. Nessa fundamentação, teologia e visão missionária encontram sua base na paixão de Deus pelo mundo, ou seja, num Deus que faz missão com olhar amoroso. O olhar de amor de Deus já inicia com a própria criação do mundo e atinge seu ápice na vida e obra do seu amado Filho. É justamente na cruz de Jesus Cristo que o *amor* e a *paixão* de Deus pelo mundo são revelados de maneira decisiva. O Espírito Santo também possui um papel fundamental na paixão de Deus. É por meio dele que os discípulos testemunham o amor de Deus pelo mundo, revelado em Jesus Cristo (At 2.1ss), sendo que sua igreja hoje é desafiada a fazer o mesmo. Assim, a comunidade cristã é desafiada a, a partir do olhar amoroso de Deus, engajar-se na Missão de maneira solidária, ouvindo o choro e a aflição das pessoas.⁵¹

Assim, o PAMI 2008-2012 fundamenta a missão no próprio agir amoroso de Deus, que já inicia na criação, continua após a queda e atinge seu ápice em Jesus Cristo. A igreja, sob o poder do Espírito Santo, é incluída em tal processo (Jo 20.21), devendo exercer seu papel de forma solidária. Entendendo que a missão faz parte da essência da igreja, a IECLB desenvolve sua proposta de Missão integral composta por quatro elementos que se interligam e se

50 Homero Severo PINTO (org.), *Missão de Deus – nossa paixão*, p. 6-7.

51 Homero Severo PINTO (org.), *Missão de Deus – nossa paixão*, p. 30-35.

complementam: a evangelização, enquanto “testemunho missionário da fé”; a comunhão, como “vivência concreta do corpo de Cristo”; a diaconia, enquanto “agir curador e restaurador”; e a liturgia, como “celebração do amor divino”.⁵²

No entanto, ainda resta a pergunta: onde o *plantar comunidades* se encaixa nessa proposta? Ainda é necessário relacionar o *Plano de Ação Missionária da IECLB* com a proposta de *plantar comunidades*.

3. O PAMI e o plantar comunidades

A partir da fundamentação apresentada pelo PAMI 2008-2012, percebe-se que, como resposta ao ato de amor de Deus, que perpassa toda a história da salvação, a IECLB se sente intensamente motivada à Missão. Como igreja no Brasil, ela se sente chamada para encarnar o contexto brasileiro, traduzindo a este a riqueza da tradição espiritual luterana. Ou seja, deseja assumir a cultura local, sem abrir mão do seu conteúdo evangélico.⁵³ Então, o fruto de sua atuação deve ser comunidades que se engajem na Missão de Deus.⁵⁴ O plantar comunidades possui praticamente a mesma proposta: transmitir o evangelho e assumir o contexto local para formar comunidades missionárias.

Como já foi mencionado, a segunda edição do PAMI apresenta uma proposta de Missão integral composta por quatro perspectivas: evangelização, comunhão, liturgia e diaconia. O plantar comunidades justamente é uma maneira de testemunho

52 Homero Severo PINTO (org.), *Missão de Deus – nossa paixão*, p. 35.

53 Homero Severo PINTO (org.), *Missão de Deus – nossa paixão*, p. 10, 20.

54 Homero Severo PINTO (org.), *Missão de Deus – nossa paixão*, p. 35.

missionário da fé (evangelização), que se corporaliza em uma comunidade (comunhão), na qual ocorre a celebração do amor de Deus (liturgia) e o agir restaurador (diaconia). Dessa maneira, a plantação de comunidades possibilita o cumprimento da proposta missionária da IECLB em lugares onde inexitem congregações de confissão luterana.

Interessante que o PAMI apresenta a evangelização como exposição do evangelho, que visa uma resposta pessoal de fé e o ingresso no discipulado cristão vivido em comunidade. Portanto, a tarefa da igreja não é apenas proclamar, mas acompanhar. E esse acompanhamento ocorre no seio da congregação. Assim, torna-se completamente clara a relação, já abordada na fundamentação bíblica, entre pregação, discipulado e comunidade. A maneira de manter esses elementos unidos em áreas pioneiras é justamente plantando comunidades.

Além das conexões já mencionadas, pode-se verificar que ambas as edições do PAMI contemplam diretamente a formação de novas comunidades.

O PAMI 2000-2007 já previa em seu objetivo: “Nessa dinâmica do recriar comunidade queremos criar novas comunidades que por sua vez se caracterizem como comunidades missionárias”.⁵⁵ Ainda aborda que, por trás do seu slogan, encontra-se seu objetivo fundamental de “fazer de cada comunidade uma comunidade missionária e de cada projeto de missão uma possibilidade de criação de comunidade da IECLB”.⁵⁶ Apesar de possuir essas citações bem concretas, a ideia de criação de novas comunidades

55 KUMMER, Ani Cheila Fick et al. *Recriar e criar comunidade juntos: Nenhuma comunidade sem missão – nenhuma missão sem comunidade*. Porto Alegre: IECLB, p. 1.

56 Homero Severo PINTO (org.), *Missão de Deus – nossa paixão*, p. 24.

não se apresentava muito desenvolvida. Isso vem a ocorrer com mais intensidade somente na sua segunda edição.

O PAMI 2008-2012 constrói sua macroestrutura em três partes. Na terceira, são apresentados quatro capítulos que trazem auxílios práticos importantes para o cumprimento da tarefa da igreja: a formação do sacerdócio cristão (cap. 9), a administração criativa dos recursos (cap. 10), a relação entre missão e comunicação (cap. 11) e, por último, a criação de novas comunidades (cap. 12). O capítulo que trata especificamente da criação de novas comunidades é de grande importância para esta pesquisa, pois reconhece claramente: “nosso compromisso com a missão de Deus prevê, além da renovação das comunidades existentes, também a criação de novas comunidades”. Além de reconhecer o compromisso com a plantação de comunidades, o PAMI também confirma a fundamentação bíblica já apresentada, destacando a difusão do evangelho e a formação de congregações como objetivo do ministério de Paulo.⁵⁷

O capítulo doze, igualmente, apresenta quatro pontes entre a realidade paulina e a atual. Primeiramente, Paulo era fortemente motivado por uma expectativa escatológica. Da mesma maneira, somos motivados a avaliar criticamente as nossas motivações. Em segundo lugar, é perceptível a preocupação de Paulo em anunciar a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Da mesma forma, hoje a igreja deve estar consciente de que o evangelho é o instrumento essencial para a edificação de uma nova congregação. Aqui é válido mencionar mais uma vez a concepção já apresentada de comunidade como criatura do evangelho. Um terceiro aspecto é a convicção do apóstolo quanto ao seu ministério e a vocação da igreja como presença de Cristo no mundo. Também nós devemos estar focados em

57 Homero Severo PINTO (org.), *Missão de Deus – nossa paixão*, p. 74.

plantar comunidades, pelas quais, Cristo se faça presente em nossa sociedade. O último ponto destacado traz a dimensão de comunhões locais, nas quais havia a pregação do evangelho, o discipulado e a formação de lideranças. Assim, o plantio de comunidades hoje deve objetivar a formação de comunhão cristã e lideranças locais⁵⁸. Dessas conexões, pode-se detectar e estabelecer um princípio fundamental para a plantação de comunidades de confissão luterana, a *centralidade de Cristo*. Jesus Cristo deve ser o centro da motivação, pregação, atuação e comunhão.

O PAMI 2008-2012 ainda lembra o atual desafio formulado da IECLB de se estabelecer em todas as capitais do país, nas cidades com mais de 200 mil habitantes e nas diferentes regiões brasileiras. Sem se esquecer de levar o evangelho aos bairros próximos de comunidades já estabelecidas.⁵⁹

Portanto, fica claro que a proposta de plantar comunidades encontra amplo respaldo na visão de Missão e de evangelização da IECLB. Também está inclusa no compromisso missionário da igreja e constitui uma peça muito importante para o cumprimento de seus desafios. Nesse sentido, esta pesquisa quer auxiliar todas as instâncias da organização eclesial da IECLB no plantio de novas comunidades. Em outras palavras, pretende-se contribuir para que a IECLB, motivada pela Missão de Deus, assuma a realidade brasileira, plante o evangelho e, mediante o crescimento que vem de Deus, colha comunidades contextualizadas e missionárias. É justamente nesta realidade que esta pesquisa quer se guiar e contribuir.

58 Homero Severo PINTO (org.), *Missão de Deus – nossa paixão*, p. 74-77.

59 Homero Severo PINTO (org.), *Missão de Deus – nossa paixão*, p. 77.

IV. APROFUNDAMENTO DE ELEMENTOS DO PLANTAR COMUNIDADE

O terceiro capítulo é destinado a elencar e aprofundar alguns elementos do *plantar comunidade*. Para tal, inicialmente elaborou-se uma estrutura da plantação de comunidades dividida em cinco pontos: comissionamento, preparo, contato evangelístico, proclamação evangelística e a comunidade plantada. Tal organização foi construída de maneira abrangente a fim de abarcar as diferentes estruturas utilizadas pelas obras consultadas. Em seguida, foram selecionados dois elementos por ponto da estrutura. Esses elementos foram eleitos tendo em vista dois critérios. Primeiro, buscou-se retomar elementos já levantados no capítulo dedicado à compreensão e fundamentação bíblica do tema: encarnação do contexto, papel missionário da nova comunidade e discipulado. Para selecionar os demais elementos, foram examinadas quatro obras representativas e a pesquisa de campo. Por meio de um quadro comparativo, os temas que mais se destacaram foram identificados e escolhidos.⁶⁰

1. Comissionamento – chamado e oração

Havia na igreja de Antioquia cinco mestres: Barnabé, Simeão, Lúcio, Manaém e Paulo (At 13.1-4). Segundo o relato bíblico, o Espírito Santo mostra que, dentre estes, Paulo e Barnabé deveriam ser separados para uma outra obra, no caso o *plantio de novas comunidades*.⁶¹ Assim, a partir desse texto, percebe-se que o *plantar*

60 Para maiores detalhes sobre a escolha dos elementos, consultar o apêndice B.

61 Cf. David W. SHENK; Ervin R. STUTZMAN, *Criando Comunidades do*

comunidades não inicia diretamente no local onde a nova comunidade nascerá, mas antes começa na igreja mãe com o comissionamento⁶² dos missionários chamados. Quanto a esse ponto é necessário traçar algumas considerações.

Em primeiro lugar, é importante reconhecer que o comissionamento acontece na igreja e por meio dela. A passagem bíblica acima mencionada atesta essa afirmação. O comissionamento de Paulo e Barnabé acontece na igreja já constituída de Antioquia e por meio dela. Não foi uma iniciativa solitária dos dois indivíduos. Michael C. Griffiths declara que “nenhuma só chamada missionária registrada pelo Espírito Santo em Atos dos Apóstolos era subjetiva ou o resultado da iniciativa individual somente”. Barnabé vai a Antioquia, enviado por sua igreja (At 11.22); Paulo foi a Antioquia, levado por Barnabé (At 11.26); Paulo e Barnabé são enviados como decisão conjunta da igreja (At 13.1-4); Silas e Timóteo acompanham Paulo porque foram convidados por este (At 15.40; 16.3).⁶³ Assim, percebe-se que a ação missionária não é fruto de qualquer individualismo, antes do pensar e agir coletivo do corpo de Cristo. O que está em jogo não são interesses pessoais, mas a tarefa da comunhão cristã em levar o evangelho.

Entretanto, as Escrituras também atestam que a dimensão do *chamado externo*, ou seja, quando a comunidade reconhece uma vocação em um ou mais indivíduos e os comissiona para um ministério específico, não dissolve a dimensão do *chamado interno*, ou seja, quando o ou os indivíduos se entendem como vocacionados. O próprio apóstolo Paulo se entende chamado por Deus para o

Reino, p. 21.

62 Por comissionamento se entende uma atividade que abarca tanto a seleção do obreiro, quanto o seu envio.

63 GRIFFITHS, Michael C. (1967 apud HESSELGRAVE, op. cit., p. 101-102).

exercício do apostolado (Rm 1.1). Essa autocompreensão torna-se muito importante a fim de evitar o desânimo em condições adversas.⁶⁴ O entrevistado da Missão Zero, Airton Palm, coloca que, se o obreiro vocacionado pela congregação não se autocompreender chamado por Deus, trabalhará segundo as suas próprias forças, o que acabará resultando num esgotamento da motivação e da alegria no serviço a Deus.⁶⁵ Portanto, o chamado interno é legítimo, entretanto deve ser confirmado pela igreja.⁶⁶ Sendo assim, chamado interno e externo são duas dimensões que devem andar lado a lado, para evitar o perigo do subjetivismo e para que o indivíduo possa trabalhar motivado.

O chamado interno pode ser, de alguma forma, discernido pelo indivíduo.⁶⁷ Quanto ao chamado externo, a igreja pode fazer uso de alguns critérios para auxiliá-la em sua escolha. Sánchez, Smith e Watke destacam algumas características importantes ao *plantador de comunidades*: ter um chamado claro, ter objetivos claros e definidos, ter uma boa conduta, ser servo de sua comunidade, estar satisfeito com uma vida simples, comprometer-se com a tarefa missionária, demonstrar humildade, possuir uma fé persistente e um amor especial pelas pessoas que não desfrutam de um relacionamento pessoal com Jesus Cristo.⁶⁸ Harley ainda acrescenta três itens a essa lista: uma visão realista da missão (dificuldades, solidão e sacrifício), o indivíduo já deve ter desempenhado algum ministério na congregação e ainda

64 HARLEY, David. *Missões: Preparando aquele que vai*. São Paulo: Mundo Cristão, 1997, p. 94-95.

65 Extraído de entrevista com Airton Palm [material não publicado].

66 Cf. David W. SHENK; Ervin R. STUTZMAN, *Criando Comunidades do Reino*, p. 22.

67 Extraído de entrevista com Airton Palm [material não publicado].

68 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 87-100.

deve possuir habilidades relacionais.⁶⁹ A lista de atributos é grande e exigente. Por isso serve apenas como uma orientação da igreja, não devendo ser dogmatizada.

O testemunho bíblico também revela que a *oração* é outro elemento intrinsecamente conectado com o comissionamento. O próprio Jesus Cristo nos manda rogar ao Pai para que ele mande trabalhadores para a sua seara (Mt 9.38; Lc 10.2). Além do mais, percebe-se a relação entre comissionamento e oração no próprio envio, já mencionado, de Paulo e Barnabé (At 13.1-4). Tanto no mandato, como no exemplo, percebe-se que a oração deve acompanhar a seleção do missionário e o seu envio. No entanto, a oração transcende a etapa do comissionamento, devendo estar presente em todas as dimensões do *plantar comunidades*.⁷⁰ É de extrema importância colocar a obra como um todo nas mãos de Deus, pedindo sua orientação.⁷¹

A igreja que decide comissionar pessoas para o *plantio de comunidades* deve estar ciente de que seu papel vai muito além do envio. É fundamental que a igreja-mãe assuma a incumbência de oferecer uma retaguarda, ou seja, acompanhar o trabalho, orando e visitando o obreiro.⁷² Deve, portanto, aceitar a responsabilidade de iniciar e guiar essa nova comunidade e estar disposta a se envolver e se sacrificar.

Assim, percebe-se que a *plantação de comunidades* parte de uma comunidade e inicia já com o comissionamento. Esse deve ser constituído por uma dimensão interna (autocompreensão do enviado) e uma dimensão externa (reconhecimento da comunidade). Isso é

69 David HARLEY, *Missões*, p. 91-102.

70 David J. HESSELGRAVE, *Plantar Igrejas*, p. 105-106.

71 Cf. David W. SHENK; Ervin R. STUTZMAN, *Criando Comunidades do Reino*, p. 43.

72 Extraído de entrevista com Airton Palm [material não publicado].

fundamental para que o comissionamento não seja algo imposto, nem caia em um subjetivismo. Também é importante que a comunidade que envia busque orientação divina através do ato de orar. Oração é vista como um elemento fundamental para o *plantar comunidades* como um todo, pois com ela reconhece-se que, acima de tudo, a obra missionária não pertence à comunidade, mas a Deus. Como foi visto na proposta do PAMI, a igreja é inserida em sua obra, mas nunca deve esquecer-se de sua total dependência do Senhor da seara. Sendo assim, a oração auxilia a igreja a guardar a premissa teológica já abordada, que comunidade é fruto do agir de Deus, através de sua palavra. Hesselgrave coloca com sabedoria: “A história fala de maneira inequívoca: a ceifa é vista por olhos abertos depois desses olhos terem sido fechados em oração”.⁷³

2. Preparo - formação de uma equipe e identificação do público alvo

É difícil determinar se a prática paulina era norteadada por algum tipo de estratégia ou preparo. O cenário missiológico apresenta-se dividido entre duas posições extremadas que podem ser representadas aqui pelos autores Michael Green e Donald McGavran. O primeiro defende a ideia de que o evangelho, por meio de Paulo, teria se espalhado com pouca ou nenhuma estratégia.⁷⁴ Já o segundo afirma que, no período em que o apóstolo estava em Antioquia, este teria arquitetado uma estratégia para alcançar boa parte do mundo mediterrâneo.⁷⁵ Diante desse embate, Hesselgrave propõe uma

73 David J. HESSELGRAVE, *Plantar Igrejas*, p. 106.

74 GREEN, Michael (1975 apud HESSELGRAVE, op. cit., p. 36).

75 McGRAVRAN, Donald (1955 apud HESSELGRAVE, op. cit., p. 36).

solução intermediária. As Escrituras mencionam que Paulo possuía um plano, no entanto, este estava sujeito à atuação do Espírito Santo (At 16.6-10). Da mesma forma, a ação missionária deve ser pautada por um planejamento bem formulado, mas sujeito à orientação e controle do Espírito Santo.⁷⁶ J. Herbert Kane coloca que Paulo possuía uma estratégia, no sentido de um *modus operandi* flexível.⁷⁷ O preparo, como um planejamento flexível, apresenta respaldo das Escrituras. Sua importância para o *plantar comunidades* ficará evidente na etapa de contato evangelístico abordada no próximo ponto.

No preparo, é de grande importância a *formação de uma equipe*. É interessante observar que as viagens missionárias na igreja primitiva nunca foram feitas por uma só pessoa. A obra missionária que resultava no *plantio de comunidades* era sempre realizada em equipe (cf. At 13.1-3).⁷⁸

Na formação de uma equipe que irá *plantar uma comunidade* deve ser observada a complementaridade dos dons de seus integrantes. Aparentemente, Paulo fez uso dessa mesma estratégia. Em suas viagens, estavam incluídas diversas pessoas, entre elas: Lucas, Silas, Timóteo, Sópatro, Aristarco, Secundo, Gaio, Tíquico, Trófimo e outros (cf. At 20.4; 2Tm 4.11; Fl 24). Possivelmente eram homens de diversas idades, formações e inclusive dons complementares.⁷⁹ Quais dons os membros da equipe devem ter é relativo, pois depende do tipo de comunidade que se planeja plantar, das atividades que se quer realizar, dos dons que o obreiro responsável possui, do número

76 David J. HESSELGRAVE, *Plantar Igrejas*, p. 36.

77 KANE, J. Herbert (1976 apud HESSELGRAVE, op. cit., p. 36).

78 David W. SHENK; Ervin R. STUTZMAN, *Criando Comunidades do Reino*, p. 30.

79 David J. HESSELGRAVE, *Plantar Igrejas*, p. 80.

de pessoas disponíveis, entre outros fatores. No entanto, alguns especialistas na *plantação de comunidades* apontam para sete funções a serem supridas: evangelista, líder musical, líder do ministério infantil, pastoreio, organizador, mobilizador e administrador das finanças. Cada uma dessas funções pode ser suprida por uma ou mais pessoas.

A equipe, além de contribuir para uma maior diversificação dos dons e distribuição de tarefas, também possibilita um maior alcance na sociedade. Essa verdade tem sido comprovada pelos projetos de *plantação de comunidades* da IECLB, vinculados à Missão Zero. Nesses projetos, o contato com a sociedade é feito, em grande medida, por um grande número de voluntários que fazem visita de casa em casa. Utilizando essa estratégia, pode-se atingir um grande público em poucas semanas de projeto.⁸⁰

Na IECLB os obreiros ordenados, em sua grande maioria, trabalham em tempo integral. Logo a formação de uma equipe para *plantar comunidades* composta por obreiros se torna, financeiramente, bem dispendiosa. Na questão de financiamento de uma equipe, há três alternativas principais: conseguir os recursos para trabalhar com obreiros em tempo integral, trabalhar com pessoas dispostas a exercerem o ministério em tempo parcial ou ainda contar com voluntários, ou seja, pessoas que já dispõem dos recursos financeiros necessários.⁸¹ É assim que a Missão Zero tem resolvido o problema: um obreiro em tempo integral é designado responsável pelo projeto, no entanto, a sua execução é realizada por um grande número de voluntários que podem se autossustentar.⁸² De fato, o trabalho leigo

80 Extraído de entrevista com Airton Palm [material não publicado].

81 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 135-136.

82 Extraído de entrevista com Whanderson Perobelli [material não publicado].

parece ser um ponto-chave para o *plantar comunidades* da IECLB, não só por ser autossustentável, mas por enriquecer tremendamente um projeto com suas experiências e dons. Aliás, é importante contar com a força leiga em todo o processo de *plantio de uma comunidade* e também após ele. Dessa maneira, toda a comunidade cristã se envolve na obra missionária, e não apenas alguns poucos obreiros responsáveis.

Outra tarefa a ser destacada na época de preparo é a *identificação da área e do público alvo*. Hesselgrave coloca que já é um grande avanço reconhecer que a tarefa primária da igreja é levar o evangelho para as pessoas e congregá-las em comunidades de fé. No entanto, essa tarefa ainda não se torna clara até que se defina o *quem* e o *onde* alcançar.⁸³ O próprio apóstolo Paulo e seus companheiros parecem estar cientes dos grupos a serem alcançados e sua receptividade. Talvez justamente por isso eles conseguiam adaptar a mensagem do evangelho ao contexto cultural de seu público.⁸⁴ Diante de judeus em Antioquia, o apóstolo retoma toda a história do povo de Israel e anuncia Jesus Cristo como o cumprimento das profecias e das expectativas do Antigo Testamento (At 13.16-41). Já diante dos gregos, coloca o Deus de Israel em uma posição privilegiada no panteão e identifica Jesus Cristo como o juiz do mundo (At 17.16-31).

A prática de Paulo e de seus companheiros já revela a importância de identificar o público e a área-alvo antecipadamente. No entanto, nesse processo há uma série de fatores a serem observados.

É importante estabelecer uma ordem de prioridades entre

83 David J. HESSELGRAVE, *Plantar Igrejas*, p. 67.

84 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 141.

peças *distanciadas da igreja* e pessoas *sem igreja*. O primeiro grupo refere-se àqueles que já obtiveram algum contato com a igreja cristã, mas por algum motivo se distanciaram. Já o segundo grupo são aqueles que não possuem nenhum contato e nem a intenção de estabelecer um. Normalmente o segundo grupo requer mais tempo e empenho.⁸⁵

O grupo cultural a que pertence o público que se quer alcançar também merece especial atenção. Com relação às diferenças culturais, o Dr. Ralph Winter diferenciou três tipos de *plantação de comunidades*: crescimento por *extensão* é quando a equipe de plantio é do mesmo grupo cultural que o público-alvo estabelecido; já o crescimento por *ponte um* é verificado onde as culturas dos dois grupos envolvidos são semelhantes; por último, o crescimento por *ponte dois* se refere a grupos culturais diferentes da equipe comissionada.⁸⁶ É fundamental que os missionários assumam a cultura local, pois as pessoas que querem se tornar cristãs gostariam de permanecer em sua identidade cultural.⁸⁷ Logo, quanto maior for a distância cultural entre o público e a equipe, maior também será o empenho por parte dos agentes para se contextualizar.

É também necessário escolher entre áreas urbanas ou rurais. Nessa escolha, existem alguns fatores ligados à atividade de Paulo que podem ser observados. Os empreendimentos missionários da Igreja Primitiva são normalmente relacionados a áreas urbanizadas.⁸⁸ Os alvos de Paulo eram centros de importância administrativa, cultural, religiosa ou comercial.⁸⁹ As cidades, de algum modo, demonstram-

85 Michael HERBST, *Mission bringt Gemeinde in Form*, p. 197.

86 WINTER, Ralph (apud HERBST, op. cit., p. 197-198).

87 McGAVRAN, Donald (apud HERBST, op. cit., p. 199).

88 David J. HESSELGRAVE, *Plantar Igrejas*, p. 70.

89 ALLEN, Roland (apud HESSELGRAVE, op. cit., p. 70).

se mais abertas para mudanças, concentram mais recursos e ainda possuem certo poder de influência em relação às localidades em derredor. Cidades são vistas como pontos focais de mudança, ou seja, as mudanças ocorrem primeiramente nelas e depois atingem as sociedades vizinhas, que se relacionam com elas.⁹⁰ Assim, a relevância sociológica das cidades deve ser levada em conta na escolha de áreas-alvo. Colocar áreas urbanas com determinada prioridade também vai ao encontro do desafio da IECLB de se fazer presente em todas as capitais e cidades com mais de 200 mil habitantes.⁹¹ A priorização das áreas urbanas não deve ser absolutizada como se fosse a única opção, entretanto, é uma alternativa que pode maximizar o alcance do evangelho.

Existem diversos recursos para auxiliar na difícil decisão pelo local e pelo público-alvo. Uma análise demográfica pode revelar o índice de povoação, grupos socioeconômicos, tipos de moradias, nível educativo, tipos de empregos e tipos de estruturas familiares. Uma sondagem religiosa ajuda a elaborar um perfil religioso das localidades para averiguar a necessidade e a potencialidade de uma nova comunidade cristã. Entrevistas com os líderes dos bairros (diretores de escolas, comerciantes, diretores de serviços sociais, pastores, e outras pessoas) são valiosas para entender as maiores necessidades dos moradores e, conseqüentemente, as maiores potencialidades de atuação. Entrevistas com os próprios habitantes podem auxiliar principalmente a obter informações mais específicas sobre suas necessidades, preferências e expectativas.⁹² Essas informações podem ser encontradas, por exemplo, em censos do

90 David J. HESSELGRAVE, *Plantar Igrejas*, p. 70-71.

91 Cf. Homero Severo PINTO (org.), *Missão de Deus – nossa paixão*, p. 77.

92 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 141-151.

IBGE, comissões de planejamento municipal, diretoria de escolas, universidades locais, bibliotecas públicas, imobiliárias e jornais.⁹³ Por meio da coleta de dados, torna-se possível traçar perfis das localidades potenciais. O passo seguinte é comparar os perfis e decidir a área e o público-alvo.⁹⁴

Na etapa de preparo pode também ser valioso realizar alguns contatos de cortesia. Visitar os líderes da localidade, além de auxiliar na pesquisa descrita acima, pode ocasionar a boa-vontade dos moradores locais e abrir oportunidades para a nova obra missionária.⁹⁵ Nesses contatos é prudente incluir os pastores para contar com seu apoio e talvez estabelecer parcerias.

Assim, sintetizando o que já foi dito, a fase de preparo é de vital importância para a igreja clarear sua tarefa missionária. Nesse sentido, é imprescindível responder a pelo menos duas perguntas básicas: 1) Por meio de quem se plantará uma comunidade? 2) Para quem se plantará uma comunidade? É altamente aconselhável que se forme uma equipe para dividir em vários ombros as múltiplas tarefas do *plantar comunidades*. Também é fundamental determinar e conhecer o público que se quer alcançar e onde se quer alcançar, mediante uma análise de dados e informações. Diante dessas múltiplas decisões, cabe aos líderes da comunidade colocar-se em oração na esperança de que o próprio Deus os guiará, assim como fez com o apóstolo Paulo (At 16.6-15).⁹⁶

93 WAGNER, Peter. *Plantar Igrejas para a Grande Colheita: O mais eficiente método de evangelização debaixo do céu*. São Paulo: Abba, 1993, p. 75-79.

94 David J. HESSELGRAVE, *Plantar Igrejas*, p. 76.

95 David J. HESSELGRAVE, *Plantar Igrejas*, p. 122.

96 Cf. David W. SHENK; Ervin R. STUTZMAN, *Criando Comunidades do Reino*, p. 43.

3. Contato evangelístico – encarnação do contexto e formação de um grupo núcleo

Após o preparo, inicia uma das etapas mais emocionantes e desafiantes do *plantar comunidade*: o contato. O preparo que foi destacado anteriormente já pressupõe alguma espécie de contato, mas apenas no intuito de conhecer melhor o público e a área-alvo. Agora a intenção é a pregação do evangelho e, por isso, será denominado contato evangelístico.

Conforme já foi explicado na etapa de conceituação, o termo *plantar* apresenta um rico sentido metafórico. Faz referência ao processo no qual a semente morre para que se gere um novo fruto. Esse princípio aplicado ao contexto do *plantar comunidades* significa que a equipe missionária deixa sua identidade advinda da comunidade original para assumir uma nova identidade referente ao contexto em que está se inserindo. Assim, a comunidade que nascerá será única, pois terá as características de seu próprio contexto. Essa dinâmica, denominada *encarnação do contexto*, apresenta um grande valor para a etapa de contato evangelístico.

O missiólogo Viv Grigg afirma que os projetos de missão urbana que alcançam êxito são aqueles nos quais os missionários residem e convivem com a população com a qual se realiza o seu ministério.⁹⁷ Em outras palavras, os projetos bem-sucedidos são aqueles em que o missionário assume o novo contexto como parte de sua identidade. Sánchez, Smith e Watke destacam que é necessário obter uma filosofia contextualizada para o *plantar comunidades*. Essa é a única maneira de as igrejas multiplicarem-se e impactarem as localidades nas quais estão inseridas, seja em seu próprio país ou

97 GRIGG, Viv (apud Hoffmann, op. cit., p. 80).

ao redor do mundo.⁹⁸

Todavia, por que a *encarnação do contexto* é tão importante? Donald McGavran defende a ideia de que as pessoas que gostariam de se tornar cristãs, não querem com isso atravessar fronteiras de etnia, língua, cultura ou camada social. Mesmo mudando para o cristianismo, as pessoas alcançadas preferem permanecer em sua identidade cultural. Tal princípio, denominado unidade homogênea, propõe que as pessoas se tornam cristãs mais prontamente quando o comunicador do evangelho se assemelha mais a elas.⁹⁹ Por isso McGavran, antes de estabelecer grupos para a propagação do evangelho, constituía grupos com a finalidade de observar o público-alvo. Para ele, essa seria a forma mais fácil de o evangelho alcançar aceitação.¹⁰⁰

Houve aqueles que se posicionaram contra a ideia de McGavran. Para esses, o missionário deveria se colocar como mediador entre as culturas. Argumentavam que essa posição encontrava respaldo na atividade de Jesus Cristo, que se colocou como mediador entre Deus e as pessoas, e as pessoas entre si. Entretanto é importante lembrar que, apesar da depravação humana, as culturas e suas diferenças são criações de Deus. E como tal, não há problemas em assumi-las. O próprio Jesus Cristo é o maior exemplo de encarnação. Ele assumiu a realidade humana e a cultura judaica na qual nasceu.¹⁰¹ Além do mais, a *encarnação do contexto* também pode ser identificada na prática da igreja primitiva. Paulo e seus companheiros não simplesmente importaram a pregação e as características sócio-culturais da igreja

98 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 84.

99 McGAVRAN, Donald. (apud HERBST, op. cit., p. 199).

100 Michael HERBST, *Mission bringt Gemeinde in Form*, p. 199.

101 Michael HERBST, *Mission bringt Gemeinde in Form*, p. 200.

de Antioquia. Eles entenderam o local no qual estavam inseridos, comunicaram o evangelho de maneira compreensível aos seus ouvintes e reuniram os crentes em uma forma que parecia natural a eles.¹⁰² O próprio apóstolo dos gentios descreve o seu próprio ministério da seguinte forma:

“Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns”. (1Co 9.19-22)

Assim, quando a equipe que irá *plantar uma comunidade* assume o novo contexto que se quer alcançar e o encarna, acaba por gerar uma identificação com os moradores da região, o que facilita a etapa de contato evangelístico. O resultado do processo também será uma comunidade com características próprias provenientes de seu contexto e, assim, com um grande potencial missionário.

A IECLB se entende como igreja desafiada a comunicar o evangelho no Brasil. Desse modo, para *plantar comunidades* da IECLB, a equipe missionária precisa conhecer o atual contexto brasileiro. O PAMI apresenta o cenário nacional como marcado por desigualdades sociais, desemprego, degradação do meio ambiente, crise de referências, individualismo, pluralismo religioso, entre outros.¹⁰³ Esse é o contexto geral que, muitas vezes, os missionários

102 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 84.

103 Homero Severo PINTO (org.), *Missão de Deus – nossa paixão*, p. 21-28.

serão chamados a encarnar.

Todos os plantadores, tanto do contexto rural, quanto do urbano, precisam de um ponto de partida. No campo militar, para ocupar uma área dominada por um adversário, estabelece-se uma pequena base em um ponto estratégico, a qual cresce e se fortifica à medida que novas tropas chegam.¹⁰⁴ Essa pequena base, denominada cabeça-de-ponte, pode ser uma analogia interessante para entender o papel do *grupo-núcleo* no *plantar comunidade*. O grupo núcleo é o cerne de formação de uma nova comunidade. É visto como o ponto de partida, que possibilita a instalação de uma nova igreja. Trata-se de um grupo menor de pessoas que visa alcançar um auditório maior.

Christian A. Schwarz realizou uma pesquisa com 1600 cristãos europeus ativos em suas denominações a fim de identificar os fatores que os influenciaram a uma decisão por Jesus. O resultado revela que 76% foram influenciados de maneira decisiva por amigos e parentes. Essa pesquisa resultou na formulação do chamado *fator oikos*. No grego, *oikos* descreve não só a casa, mas toda a rede de relacionamentos e influências de uma pessoa. No Novo Testamento, pode-se perceber como a boa nova alcançou muitas pessoas por meio dos relacionamentos (Mc 5.19; Lc 19.9; Jo 4.53; Mc 2.14; At 16.15). Um dos pontos mais positivos da evangelização por meio dos relacionamentos é a formação de uma rede natural de difusão do evangelho. Aquele que chegou à fé compartilha sua fé com as pessoas próximas. Aqueles que recebem a mensagem podem, por sua vez, também compartilhar com os seus contatos mais íntimos. Forma-

104 David W. SHENK; Ervin R. STUTZMAN, *Criando Comunidades do Reino*, p. 44.

se uma espécie de reação em cadeia que alcança muitas pessoas.¹⁰⁵ Com relação ao *plantar comunidades*, essa pesquisa revela que um grupo núcleo pode formar uma ampla rede de contatos evangelísticos e passar a ser o portão para um auditório muito mais amplo. O estudo *Breaking New Ground*, por exemplo, recomenda justamente a utilização da estratégia de evangelização por contatos amistosos. Isso possibilita que uma pequena equipe cresça, formando um grupo núcleo maior e depois uma pequena congregação.¹⁰⁶

Paulo e seus companheiros normalmente buscavam formar o grupo núcleo a partir de uma sinagoga judaica, mas, por exemplo, na cidade de Filipos, parece que não havia uma sinagoga. Então, nessa cidade, eles foram até um rio, onde encontraram algumas mulheres adorando o Senhor. Juntaram-se a elas e comunicaram o evangelho. Uma mulher de nome Lídia creu no evangelho e constrangeu a equipe de plantadores a permanecer em sua casa (At 16.11-15).¹⁰⁷ Assim, a casa de Lídia foi o início de um pequeno núcleo, que possibilitou a formação de uma igreja na cidade.

A equipe de plantadores faz parte do grupo núcleo, mas não constitui sua totalidade. Como no caso de Lídia, em Filipos, o grupo núcleo deve ser também composto por moradores da localidade na qual se edificará a nova comunidade.¹⁰⁸ Essa necessidade se justifica a partir do que já abordamos a cerca do *fator oikos*. Se evangelização

105 SCHWARZ, Crithian A. *Evangelização Básica: Propagar as boas novas de maneira agradável*. Curitiba: Esperança, 2003, p. 23-31.

106 LINGS, George. In: *CHURCH OF ENGLAND. Braking New Grond: Church Planting in the church of England*. London: Church House Publisching, 1994. Disponível em: <www.encountersontheedge.org.uk/MS/MSCreports/Suggestedguidelines.htm>. Acesso em: 20/10/2008.

107 David W. SHENK; Ervin R. STUTZMAN, *Criando Comunidades do Reino*, p. 44-45.

108 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 155.

se realiza em grande medida através dos relacionamentos, então as pessoas do próprio local terão mais facilidade em propagar o evangelho.

O desafio inicial é justamente *formar* o grupo núcleo. No entanto, aqui serão arroladas apenas algumas possibilidades, pois não existe um único caminho para realizar essa tarefa. Cabe a cada equipe definir sua atuação, considerando o contexto local e os recursos disponíveis.

Hesselgrave defende a ideia de, num primeiro momento, realizar contatos seletivos. Significa que, no início do trabalho, é mais prudente ir ao encontro daquelas pessoas que possuem mais tempo, que se demonstram mais acessíveis ou que podem ser alcançadas por meios de comunicação. Além disso, os contatos seletivos devem possuir o “potencial de tornar-se um grupo de testemunhas evangelísticas eficazes na área-alvo”.¹⁰⁹

Para tal seleção, o melhor caminho é basear-se nas informações conseguidas na etapa de preparo. É válido lembrar que aqui a intenção não é ser excludente, pois o objetivo final é justamente alcançar o máximo de pessoas a partir desse grupo.

A Missão Zero busca alcançar um grupo núcleo por meio de projetos de impacto. Por meio de um grande número de voluntários, constrói-se uma ampla rede de atuação. Os voluntários, após participarem de um período de treinamento, realizam o contato com as pessoas da localidade. Por meio de visitas nas casas e abordagens em locais públicos, convidam os moradores para atividades e palestras de cunho evangelístico. Aqueles que aceitam comprometer-se com o evangelho preenchem uma ficha de identificação. Ao final desse processo, aproximadamente cem a duzentas pessoas preencheram

109 David J. HESSELGRAVE, *Plantar Igrejas*, p. 126-127.

as fichas. Dessas, normalmente 15% permanecem na nova igreja e assim constituem um grupo núcleo.¹¹⁰ Esse grupo formado deve auxiliar a transmitir o evangelho àqueles que ainda não participam da comunidade.¹¹¹

Percebe-se que tanto a proposta de Hesselgrave quanto a da Missão Zero apresentam dinâmicas distintas e um objetivo em comum. Ambas pretendem consolidar um grupo núcleo. Hesselgrave apresenta um movimento que parte de um grupo específico (contatos selecionados e grupo núcleo) para alcançar o geral (massas). Já a Missão Zero parte do geral (massas) para alcançar um grupo específico (grupo núcleo) e voltar às massas.¹¹² Se ambas as abordagens fossem colocadas em um gráfico, a primeira proposta teria um desenho retilíneo e a segunda circular. Além de contatos seletivos e projetos de impacto, como será abordado adiante, existem outros meios para formar um grupo núcleo.

Se os moradores locais demonstrarem-se resistentes a visitas evangelísticas, uma boa alternativa são as visitas de cultivo. Essas são visitas amistosas que apenas objetivam consolidar relações. Permite que as pessoas abordadas conheçam melhor a equipe de plantadores e passem a confiar neles.¹¹³ Steve Sjogren sugere várias possibilidades para estabelecer relacionamentos significativos. Por exemplo: levar comida a pessoas confinadas em suas casas, medir a pressão arterial, oferecer serviços de pintura ou de limpeza, etc. Assim, visitas de cultivo são possibilidades de uma maneira integral de missão, em que não apenas se fala, mas se demonstra o evangelho

110 Extrato de entrevista com Airton Palm [material não publicado].

111 Extrato de entrevista com Whanderson Perobelli [material não publicado].

112 Extrato de entrevista com Whanderson Perobelli [material não publicado].

113 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 156-157.

de maneira visível.¹¹⁴

Os meios de comunicação também podem ser utilizados para estabelecer um contato com os moradores locais. No entanto, a seleção do meio mais apropriado depende do tipo de sociedade a ser alcançada. Nesta abordagem as classificaremos em cinco categorias.

- 1) Um ambiente integral é onde os indivíduos possuem muita ligação entre si e também possuem relacionamentos fora de sua localidade.
- 2) O tipo provinciano também desfruta de grande coesão, mas não possui relações exteriores à sua realidade.
- 3) Uma localidade difusa é onde inexistente uma vida interna ativa e interação entre os habitantes. Entretanto, há uma consciência de identidade comum.
- 4) Um ambiente transitório é estabelecido onde existe muita troca de população. Apesar de possuírem alguns relacionamentos entre os moradores, não há uma interação significativa.
- 5) Por último, o tipo desorganizado refere-se a uma realidade muito fragmentada, na qual não há interação, nem relacionamentos entre os habitantes e nem uma identidade em comum. Todas essas informações podem ser alcançadas em um bom período de preparo. Quanto a essas informações, Sánchez, Smith e Watke elaboraram uma tabela para orientar sobre os melhores meios a serem utilizados:¹¹⁵

Meios/Tipo de sociedade	Boletim informativo	Visita de porta em porta	Meios de comunicação ¹	Pessoas chave do lugar
Integral	+	-	+	*
Provinciana	+	*	+	+
Difusa	-	*	+	-
Transitória	-	*	+	-
Desordenada	-	*	-	-

114 SJOGREN, Steve (apud SÁNCHEZ, Daniel R.; SMITH, Ebbie C.; WATKE, Curtis E., op. cit., p. 157).

115 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 159-168.

Outra possibilidade que facilita o estabelecimento de uma relação de confiança com a sociedade-alvo são as atividades de cultivo. Trata-se de atividades voltadas para a população. Para crianças, poderiam ser realizadas atividades recreativas, escola bíblica de férias, reforço escolar, aulas de música, oficina de trabalhos manuais, etc. Aos adultos poderiam ser destinadas, por exemplo, apresentações de filmes e retiros matrimoniais. Ainda outra ideia seria organizar projetos comunitários.¹¹⁶ Enfim, há um enorme número de possibilidades. O importante é que essas atividades sejam dirigidas às necessidades específicas dos moradores. Aqui fica mais uma vez clara a importância do preparo que permite conhecer bem o público-alvo e assim se articular de acordo com as necessidades locais.¹¹⁷

Para *estabelecimento e expansão* do grupo núcleo, uma sugestão é iniciar reuniões de grupos pequenos (cf. At 5.42; 16.40; 20.20; 1Co 16.19; Rm 16.5).¹¹⁸ Esses contribuem significativamente para consolidar os relacionamentos entre os participantes e, assim, criar um sentimento de comunidade. O ambiente fraternal também torna o lugar propício para convidar amigos e parentes (fator *oikos*). Normalmente pequenos grupos possuem um forte espírito comunitário e missionário (cf. At 2.42-27).

Para *consolidar* ainda mais o grupo núcleo já estabelecido, Sánchez, Smith e Watke sugerem um período de cultos pré-públicos. Esses constituem um período para descobrir e capacitar líderes, unir

116 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 169-180.

117 Peter WAGNER, *Plantar Igrejas para a Grande Colheita*, p. 91.

118 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 207-208, 225.

claramente equipe e grupo núcleo no objetivo comum de estabelecer uma congregação. Além disso, auxilia o novo grupo a adquirir mais experiência em realizar funções importantes de um culto. A estratégia pré-pública deveria durar até o grupo núcleo sentir-se comprometido e motivado a investir tempo e recursos necessários para avançar à fase pública.¹¹⁹ Diante de um grupo núcleo bem consolidado e unido em torno de um objetivo comum, pode-se iniciar a fase pública em uma data bem divulgada.

Assim, o contato evangelístico é o momento de inserção na localidade com a intenção de transmitir o evangelho. Entender e encarnar o contexto que se quer atingir é muito importante para facilitar a comunicação da boa nova. Também auxilia a equipe missionária a perceber as necessidades do público-alvo. Um bom preparo auxilia na escolha do melhor meio de contato, pois possibilita que se trabalhe a partir dessas necessidades. Outro elemento importante é estabelecer um grupo núcleo a partir do qual se *planta a nova comunidade*. Quando o grupo núcleo está bem consolidado e convicto do objetivo de iniciar uma nova comunidade é hora de abrir as portas. Aqui ainda convém destacar o papel indispensável da oração: “Frequentemente temos olvidado o fato de que Deus quase sempre já preparou pessoas em nossas áreas-alvo, e que vai preparar pessoas à medida que orarmos”.¹²⁰

119 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 225-227.

120 David J. HESSELGRAVE, *Plantar Igrejas*, p. 132.

4. Proclamação evangelística¹²¹ – contextualização da mensagem e chamado à decisão

O papel fundamental da proclamação evangelística para o *plantar comunidade* é inquestionável. É por meio da pregação que o Espírito Santo gera a fé que, por sua vez, acolhe o evangelho de Jesus Cristo (Rm 10.17). Assim, como já foi mencionado, uma nova comunidade somente pode ser plantada por meio da palavra de Deus. Como o PAMI coloca: “O anúncio da boa nova do amor incondicional de Deus desperta a fé e faz nascer a igreja”.¹²² É válido lembrar que o centro desse anúncio deve ser o Cristo crucificado e ressurreto.¹²³

Já foi mencionada anteriormente a necessidade de a equipe de plantadores se contextualizar, ou seja, assumir o contexto local para interagir com seus habitantes. Agora será destacada a importância de comunicar a mensagem cristã voltada para o contexto que se quer atingir.

Quando Paulo discursa nas sinagogas de Damasco (At 9.20-22), Antioquia (At 13.16-17) e Tessalônica (At 17.2-3), sua abordagem parte de um conhecimento prévio das Escrituras. Barnabé e Paulo, quando estavam no contexto politeísta de Listra (At 15.15-17), proclamam que o fato de o aleijado ter sido curado não significa que eles são deuses, antes homens a serviço de Deus. Em Atenas, Paulo inicia sua mensagem utilizando a figura de um altar do panteão grego (At 17.22-23). Assim, as Escrituras mostram que os pregadores do evangelho construíam sua mensagem sobre a cosmovisão e o

121 Nesta pesquisa o conceito *Proclamação Evangelística* quer designar a pregação do evangelho àquelas pessoas que não o conhecem ou não o vivem.

122 Homero Severo PINTO (org.), *Missão de Deus – nossa paixão*, p. 36.

123 Cf. item II, 3.

conhecimento de seu auditório. Com isso não possuem a intenção de tornar sua proclamação mais agradável, porém mais compreensível. O âmago salvífico da revelação não foi alterado, mas adaptado. Contextualização é justamente esse processo de adaptação.¹²⁴

Observando a prática cristã primitiva, pode-se perceber que a equipe de plantadores, em primeiro lugar, deve ouvir muito bem. Certamente não se trata de somente ouvir, pois os missionários trazem consigo o evangelho. Contudo, antes de comunicar essa mensagem é necessário ouvir o que o novo lugar, onde estão inseridos, tem a dizer. O processo de ouvir pode ser caracterizado como *ouvir duplo*, ou seja, de um lado, precisam ouvir o legado do evangelho, e do outro lado, o que o contexto tem a dizer.¹²⁵ Inclusive D. L. Moody define um bom pregador como aquele que sobe no púlpito com uma Bíblia na mão e o jornal na outra.¹²⁶ Em suma, pode-se afirmar com Hesselgrave: “O estudo das Escrituras e das pessoas (nos seus contextos culturais) deve ir de mãos dadas”.¹²⁷

Para elaborar uma pregação direcionada a área-alvo, auxilia muito responder algumas indagações previamente. O que as pessoas pensam sobre um ser supremo e sobre o propósito de suas vidas? Que vazio possuem? Que desafios enfrentam em sua vida diária? Quais necessidades poderiam servir de ponte para a comunicação do evangelho?¹²⁸ Não é necessário usar exatamente esse questionário, o essencial é que o pregador se interesse e busque informações de seu público.

124 David J. HESSELGRAVE, *Plantar Igrejas*, p. 150-151.

125 Michael HERBST, *Mission bringt Gemeinde in Form*, p. 193.

126 MOODY, D. L. (apud LINTHICUM, op. cit., p. 210).

127 David J. HESSELGRAVE, *Plantar Igrejas*, p. 152.

128 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 238.

Diante das colocações acima, percebe-se que não só o contato evangelístico, mas também a pregação deve ser norteadada pela percepção do contexto que se quer alcançar. Aproveitar elementos dessa realidade pode tornar o evangelho mais compreensível aos seus ouvintes. Isso adquire um grande valor, visto que o Brasil é constituído por diversas etnias e, conseqüentemente, por diversos costumes e compreensões.

Por vezes, o NT utiliza a palavra *κῆρυξ*, para designar o pregador (1Tm 2.7; 2Tm 1.11). *Κῆρυξ* significa literalmente arauto, ou seja, o mensageiro que é incumbido de transmitir mensagens oficiais das autoridades públicas. Entretanto, na metáfora, o arauto espera uma resposta, uma postura de seus ouvintes. Assim, a proclamação introduz um apelo, um *chamado à decisão*.¹²⁹

De fato, as Escrituras mostram um estreito vínculo entre a proclamação e o chamado a uma decisão de arrependimento. Isso é perceptível na prática de João Batista (Mt 3.1-2), dos apóstolos (At 2.37-38) e inclusive do próprio Jesus Cristo (Mt 4.17). Para J. Stott, a grande lição ensinada pela metáfora do arauto é justamente que proclamação e apelo devem andar juntos.¹³⁰

O vínculo que existe entre a proclamação evangelística e o chamado à decisão significa, em primeiro lugar, que não pode haver apelo sem pregação. Fundamentalmente o evangelho não é um convite feito às pessoas, mas, em primeiro lugar, uma “declaração daquilo Deus já fez em Cristo na cruz para a salvação dos homens”. O convite a uma decisão deve se fundamentar nessa declaração. O inverso também é verdadeiro: é importante que a proclamação dê lugar ao apelo. Isso não é uma usurpação da atuação do Espírito

129STOTT, John. *O Perfil do Pregador*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 32-33.

130John STOTT, *O Perfil do Pregador*, p. 49.

Santo, que convence do pecado (Jo 16.8), mas o cumprimento da função de arauto. O pregador não convence, mas apenas oportuniza o convite,¹³¹ não de maneira abusiva ou constrangedora.¹³² As pessoas esperam e precisam dessa oportunidade para entregar suas vidas a Jesus Cristo.¹³³

O chamado à decisão pode assumir diversas formas: público, particular, pontual ou gradual. Não é possível absolutizar a melhor forma, pois também essa dependerá do contexto no qual se está inserido. Nas grandes cruzadas evangelísticas, acontecia que milhares de pessoas assumiam uma decisão publicamente. No entanto, existem determinados lugares onde primeiro é necessário cultivar uma amizade, proclamar o evangelho gradualmente e oportunizar que as pessoas se comprometam com o evangelho em seu próprio lar.

Hesselgrave destaca que o processo de decisão é composto por cinco pontos: descoberta da possibilidade, deliberação quanto à aceitação, determinação da aceitação, dissonância e verdadeira assimilação. Essas etapas explicam-se por si mesmas, exceto pela dissonância, que se refere ao momento de indecisão. É se indagar diante de um problema: “Se eu não tivesse escolhido isto, não estaria tendo estes problemas!”. É um período de crise que pode levar ao retrocesso.¹³⁴ Dessa maneira, fica clara a responsabilidade de acompanhar e orientar aqueles que se comprometem com o evangelho.

Percebe-se que a proclamação evangelística deve andar em conjunto com o conhecimento do público e com o chamado à decisão.

131 John STOTT, *O Perfil do Pregador*, p. 52-53.

132 Homero Severo PINTO (org.), *Missão de Deus – nossa paixão*, p. 77.

133 Extrato de entrevista com Airton Palm [material não publicado].

134 David J. HESSELGRAVE, *Plantar Igrejas*, p. 179.

No entanto, tudo isso não diminui a ação de Deus. Por mais que o pregador se empenhe em plantar a semente do evangelho, sempre deve lembrar que o crescimento vem de Deus (1Co 3.6).

5. A comunidade plantada – discipulado e papel missionário

Como já foi explanado, a prática apostólica, especialmente em Paulo, focava a formação de novos círculos de comunhão. Tendo em vista que a fé sempre inclui a dimensão da comunhão, uma fé individualista não pode se desenvolver de maneira saudável.¹³⁵ Assim, o *plantar comunidades* não encerra com a proclamação evangelística, ainda é necessário reunir os cristãos em uma comunidade.

Já foi mencionado, no ponto anterior, que a fé vem mediada pela palavra. Dietrich Bonhoeffer menciona que Cristo está fisicamente presente ainda hoje em sua palavra. É justamente por esta palavra, ou seja, pela pregação e pelos sacramentos, que o chamado de Jesus Cristo ao *discipulado* ainda ecoa.¹³⁶

O chamado ao discipulado é o chamado para seguir a Jesus Cristo. Para segui-lo Pedro abandona as redes e Levi abandona a coletoria. Assim, o chamado de Cristo cria imediatamente uma nova situação que separa o discípulo de sua existência antiga. De tudo isso se percebe que discipulado é uma caminhada de comprometimento com Cristo. Sendo assim, discipulado não é uma obra própria, mas comprometimento com a pessoa de Jesus Cristo, em obediência à

135 SCHWARTZ, Christian A. *Evangelização Básica: Propagar as boas novas de maneira agradável*. Curitiba: Esperança, 2003, p. 48.

136 BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 7ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 135.

sua palavra.¹³⁷

Essa obediência pressupõe instrução. Como já foi visto no ponto 1.2.1, o discipulado está intimamente conectado com o ensino, porém, não se trata de um mero ensinar e aprender, mas orientação prática de como viver a fé no dia-a-dia.¹³⁸ No NT, o mandato ao ensino é absolutamente claro. Jesus Cristo manda seus discípulos fazerem discípulos, batizando e ensinando (Mt 29.19-20). Paulo coloca essa ordem em prática (1Co 11.23). Timóteo, por sua vez, também é chamado a instruir (2Tm 2.2). Já no livro de Hebreus parece haver uma divisão didática entre a doutrina elementar e o ensino mais profundo (Hb 6.1-2). Essa última passagem nos remete a um princípio interessante de ensino a novos crentes. Estudos demonstram que os movimentos religiosos em expansão normalmente estabelecem um programa de ensino que caminha do básico para o profundo.¹³⁹ Em linguagem paulina, seria estabelecer um movimento do leite para o alimento sólido (1Co 3.2). É interessante que esse movimento também seja observado em programas de discipulado atuais.

Como já foi mencionado, discipulado é obediência à palavra de Deus. Como igreja é a congregação de crentes entre os quais a palavra é pregada e os sacramentos são administrados,¹⁴⁰ o discipulado ocorre na comunidade cristã. Por outro lado, não deve ficar preso a esta. Shenk e Stutzman abordam que o discípulo deve envolver-se em duas esferas: igreja e localidade. Em outras palavras, o discípulo é instruído e tem a sua fé fortalecida no seio da comunidade cristã, e isso se reflete em testemunho para os não-cristãos. Sendo assim, o ensino estaria incompleto sem a orientação para fazer novos

137Id., *ibid.*, p. 20-27.

138Cf. Homero Severo PINTO (org.), *Missão de Deus – nossa paixão*, p. 38.

139David J. HESSELGRAVE, *Plantar Igrejas*, p. 221-223.

140Confissão de Augsburg, artigo VII.

discípulos.¹⁴¹

Portanto, o discipulado ocorre na comunidade e para além dela. Sua forma é variável (individual, coletivo ou por meio de estudos bíblicos),¹⁴² mas seu conteúdo é Jesus Cristo.¹⁴³ Pressupõe o ensino da palavra de Deus e conduz o discípulo ao comprometimento e à obediência a ela. Seu papel é fundamental para a solidificação da fé e formação de lideranças. Consequentemente auxilia a nova comunidade a caminhar em direção à autonomia e ao engajamento na obra missionária.

A igreja de Antioquia é possivelmente formada por cristãos dispersos em virtude da perseguição que sobreveio a Estevão (At 11.19-21). Essa mesma congregação, mais tarde, comissiona Paulo e Barnabé para a obra missionária (At 13.1-3). Os santos em Corinto são conscientizados de seu papel como embaixadores em nome de Cristo (2Co 5.20). Outras comunidades cristãs se envolvem em trabalhos missionários por meio da oferta (Rm 15.26). Portanto, o NT revela que as *comunidades plantadas*, independente de sua idade, envolvem-se e engajam-se no trabalho missionário.

Já na conceituação apresentada, foi destacada a importância das comunidades plantadas se engajarem na tarefa missionária. Na realidade, esse é o objetivo final do *plantar comunidades*, o qual possibilita que a estrutura aqui apresentada se torne em um círculo. Em outras palavras, possibilita que a comunidade emergente comissione novos plantadores que, por sua vez, irão se preparar, contatar uma nova localidade, pregar o evangelho e formar um outro círculo de

141 David W. SHENK; Ervin R. STUTZMAN, *Criando Comunidades do Reino*, p. 135-136.

142 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 274.

143 Dietrich BONHOEFFER, *Discipulado*, p. 21.

comunhão cristã que repetirá o processo. Assim, estabelece-se uma multiplicação em ritmo exponencial.¹⁴⁴ Com essa visão, o alcance do evangelho também será bem maior. Através da multiplicação das comunidades, a proclamação da boa nova poderá alcançar não apenas um segmento da localidade, mas todos os segmentos de uma região.¹⁴⁵

Antes de continuar a abordagem, é importante relembrar o princípio de unidade homogênea, que propõe que as pessoas se tornam cristãs mais prontamente quando o comunicador do evangelho se assemelha mais a elas.¹⁴⁶ Assim, segundo esse princípio, as comunidades precisam ser culturalmente contextualizadas para desenvolverem seu potencial missionário e reprodutor.

Para que a comunidade se contextualize e se reproduza é necessário envolver os próprios moradores. Esses poderão identificar mais facilmente suas necessidades e também direcionar o trabalho da comunidade. Assim, a tarefa de contextualização se torna possível à medida que a equipe de plantadores confere espaço de atuação para a liderança local. Para que a liderança se fortaleça é importante envolvê-la desde o início do trabalho. Aqui fica absolutamente clara a importância de entrevistá-los na etapa de preparo e de formar um grupo núcleo no contato evangelístico. Os líderes locais se desenvolverão à medida que a equipe plantadora delegar tarefas e demonstrar confiança. Ainda é importante valorizar a opinião desses novos líderes e ajudá-los a descobrir suas habilidades.¹⁴⁷

144 GARRISON, David (apud SÁNCHEZ, Daniel R.; SMITH, Ebbie C.; WATKE, Curtis E., op. cit., p. 303).

145 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 274305.

146 McGAVRAN, Donald. (apud M. HERBST, op. cit., p. 199).

147 STEFFEN, Tom A. *Líderes que pasan la posta: plantación de iglesias y retirada progresiva*. Buenos Aires: Kairós, 2006, p. 273.

Ainda se recomenda que se evitem posturas que restrinjam a visão missionária reprodutora. Por exemplo, numa conduta autoritária em que o obreiro ou a igreja mãe insistem em que tudo seja feito segundo a sua vontade. Motivados pelo medo de que o trabalho saia de um determinado padrão, acabam limitando a atuação dos líderes locais. Assim, a comunidade que irá se formar, possivelmente não será contextualizada em seu próprio ambiente e nem será autônoma. Portanto, permanecerá dependente da equipe plantadora e, conseqüentemente, sem explorar seu potencial missionário.¹⁴⁸

Uma outra postura limitadora se forma com a ideia de que a nova comunidade deve ser uma cópia da igreja mãe. Assim, confina-se o trabalho missionário à cultura, à estrutura, aos métodos, ou seja, à maneira de ser de uma outra congregação. Nessa situação, a comunidade formada possivelmente também será culturalmente estranha ao seu ambiente. Para que essa tendência seja superada, torna-se necessário que os responsáveis pelo *plantio de comunidades* reconheçam a diversidade de culturas e necessidades entre os diferentes povos.¹⁴⁹

Outro grande perigo é que a comunidade se sinta sensibilizada a somente alcançar pessoas da mesma etnia ou classe social que compõem a equipe plantadora. Dessa maneira se reproduzirá só até alcançar um determinado e limitado público. Tal postura também configura uma limitação na ação missionária. Certamente que, no início, a comunidade pode se focalizar a um só tipo de público, mas a médio e longo prazo não se limitará a este. Assim, para que a reprodução ocorra ativamente é importante criar na comunidade

148 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 307-308.

149 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 308-309.

plantada um senso de compromisso com a evangelização de todo o contexto local e de todo o mundo.¹⁵⁰

O medo também é um obstáculo frequente no plantar comunidades reprodutoras. Em primeiro lugar, o obreiro responsável pode sentir-se desconfortável em conferir espaço para a liderança leiga local. Pode entender que, com isso, sua autoridade está ameaçada e temer por futuras perdas financeiras ou de sua carreira.¹⁵¹ A nova comunidade também pode ser limitada pelo temor de nunca estar preparada. Isso possivelmente é alimentado pela concepção de que o plantar comunidades é uma tarefa só para comunidades mais maduras e mais antigas. Entretanto, especialistas da área afirmam que se até o terceiro ano de sua formação uma congregação não tiver formado outra, é provável que jamais o faça. Assim a reprodução é algo que deve estar presente na essência da comunidade, independente de sua idade.¹⁵²

A tarefa missionária não termina após algumas pessoas acolherem o evangelho pela fé. Ainda é necessário formar um ambiente no qual essa fé possa crescer e se solidificar. Nesse processo é importante que os novos cristãos sejam envolvidos em um programa de discipulado. Esse é o chamado para seguir Jesus Cristo, vem às pessoas por meio da palavra de Deus e conduz a uma conduta de obediência. Também é fundamental que os novos cristãos sejam conscientizados de seu papel na missão de Deus. Na realidade, o objetivo final de plantar comunidades é que este novo círculo de

150 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 305-306.

151 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 310.

152 Daniel R. SÁNCHEZ; Ebbie C. SMITH; Curtis E. WATKE, *Cómo sembrar Iglesias*, p. 304.

comunhão cristã gere outros. Em outras palavras, que a comunidade plantada se reproduza em outras comunidades que, por sua vez, também se multiplicarão. Assim, a missão deve estar inserida no DNA da semente, para que a nova planta seja frutífera. “Quando o agir missionário não fizer parte da identidade da comunidade, é pouco provável que ela sobreviverá”.¹⁵³

V. CONCLUSÃO

Plantar comunidades é o processo pelo qual a palavra de Deus é semeada em um determinado contexto. Nesse local, pela atuação do Espírito Santo, pode surgir uma nova comunhão de cristãos, em que o evangelho é pregado e os sacramentos são ministrados. Ou seja, a semente frutifica em uma nova comunidade. Essa deverá assumir o contexto local e configurar-se como um ambiente no qual o chamado de Jesus Cristo ao discipulado é anunciado, e a Missão é essencialmente vivida.

Tal proposta se fundamenta primeiramente na grande comissão, quando Jesus Cristo envia seus discípulos para a missão de fazer discípulos adiante. A primeira geração de cristãos pôs tal mandato em prática por meio da proclamação do evangelho e formação de comunidades. Não se preocuparam somente em chamar ao arrependimento, mas também em formar ambientes nos quais os crentes poderiam ser orientados quanto à sua vida diária.

Além de ter sido relevante para a prática cristã primitiva, o

153 “Wenn missionarisches Handeln nicht zur Identität der Gemeinde gehört, ist es sehr unwahrscheinlich, dass sie überlebt”. In: Michael HERBST, *Mission bringt Gemeinde in Form*, p. 82. Tradução: Sérgio Gessner.

plantar comunidades também encontra seu espaço atualmente na proposta missiológica da IECLB. Essa se entende como comprometida com a Missão de Deus e com a realidade brasileira. Como tal, sente-se responsável por transmitir a riqueza de sua herança espiritual ao contexto brasileiro. Nesse tocante, o plantar comunidades é a oportunidade de esta denominação levar o evangelho a outros lugares nos quais ainda não está presente, e assim engajar-se de maneira mais intensiva e “apaixonada” na Missão de Deus.

Nesse cenário, existem muitos elementos do plantar comunidades que poderiam contribuir para o desenvolvimento da Missão na IECLB. No entanto, para formar uma base sólida e concisa, buscou-se elencar e aprofundar os subsídios de maior destaque na literatura da área. Em outras palavras, a intenção foi responder à pergunta: quais subsídios do plantio de comunidades são pertinentes para a missão na IECLB? De acordo com os critérios de seleção estabelecidos, destacou-se: um comissionamento que leve em consideração o chamado e a oração; um preparo que forme equipe e identifique o público-alvo; um contato evangelístico que encarne o contexto local e parta de um grupo núcleo; uma pregação evangelística contextualizada e que chame ao arrependimento; e uma nova comunidade que discipule e se engaje missionariamente no plantio de outras comunidades.

Todos esses elementos são relevantes para o cenário missionário atual da IECLB e, por extensão, das demais igrejas brasileiras. Dessa maneira, é praticamente impossível determinar um juízo de valores que confira proeminência a apenas um subsídio. Mesmo assim, convém destacar um elemento que frequentemente é olvidado no que se trata de projetos missionários em território nacional. A *encarnação do contexto* é tão importante em um contexto

nacional quanto o é em missões internacionais.¹⁵⁴ Ainda mais quando se está inserido em um país com tamanha diversidade cultural, social e étnica como é o Brasil. Assumir a realidade local, certamente será um desafio constante à equipe de plantadores. Contudo, não pode ser ignorada, mesmo que o preço seja assumir uma postura de pobreza não indigente, como coloca Viv Grigg.¹⁵⁵ Nesse sentido, é fundamental que a IECLB, em sua empreitada, continue firme em seu compromisso de ser igreja para todo o Brasil. É essencial que ela se enraíze cada vez mais neste país e que, através de um processo de morte, assuma integralmente a sua realidade.

A Igreja de Jesus Cristo, tanto em cenário nacional como internacional, deve seguir o mandato de Cristo, engajando-se para levar o evangelho. No entanto, muito importante é que ela também não se sinta proprietária dessa obra, pois a Missão é, em primeiro lugar, de Deus. Da mesma forma, o plantar comunidades nunca poderá ser reduzido a um método, a um conjunto de passos ou de elementos, pois acima de tudo, comunhão cristã é fruto do agir divino. Uma dimensão da metáfora agrícola que jamais poderá ser perdida é que podemos plantar, mas o crescimento vem de Deus: “Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus” (1Co 3.6). Nesse sentido, é imprescindível que a oração seja uma postura constante na reflexão e atuação missionária. Ela mostra que a Missão é de Deus e que à igreja cabe se engajar com a intensidade de uma paixão.

Plantar comunidades é fruto da obediência à ordem missionária promulgada por Jesus Cristo. Mandato que nos leva

154 Cf. Johannes ZIMMERMANN, *Was wurde aus dem missionarischen Gemeindeaufbau?*, p. 92.

155 GRIGG, Viv. (apud Hoffmann, op. cit., p. 76)

a plantar a boa nova, para que surja uma comunidade única e contextualizada com sua cultura. O valor dessa tarefa é muito bem expressado por uma frase de autoria desconhecida: “Se quiseres fazer crescer alguma coisa para durar uma estação – plante flores. Se quiseres fazer crescer alguma coisa para durar uma vida – plante uma árvore. Se quiseres fazer crescer alguma coisa para durar pela eternidade – plante igrejas”.¹⁵⁶

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEASLEY-MURRAY, G. R. “βᾶπτω”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- BIETENHARD, H. “ἐθνος”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 7ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *A viabilidade da IECLB*. IECLB, 2005. Disponível em: <<http://www.ieclb.org.br/noticia.php?id=7696>>. Acesso em 02/04/2008.
- CONWAY, Susan. *Roots of the Church Growth Movement*. Disponível em: <www.crossroad.to/Quotes/Church/Conway/church-growth/cgm-roots.htm>. Acesso em: 20/10/2008.
- ELLIOTT, Ralph H. “Dungers of the Church Growth Movement”. In: *Christian Century*, agosto, 1981. Disponível em: <www.religion-online.org/showarticle.asp?title=1723>. Acesso em: 20/10/2008.
- GREEN, Michael. *Evangelização na Igreja Primitiva*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- HARLEY, David. *Missões: Preparando aquele que vai*. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.
- HERBST, Michael. *Mission bringt Gemeinde in Form*. 2 ed. Neukirchen-vluyn: Aussat, 2007.
- HESSELGRAVE, David J. *Plantar Igrejas: Um guia para missões nacionais e trans-culturais*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1984.
- HOFFMANN, Arzemiro. *A cidade na missão de Deus: O desafio que a cidade representa para a Bíblia e à Missão de Deus*. Curitiba: Encontro, 2007.

156 David J. HESSELGRAVE, *Plantar Igrejas*, p. 25.

- KUMMER, Ani Cheila Fick et al. *Recriar e criar comunidade juntos: Nenhuma comunidade sem missão – nenhuma missão sem comunidade*. Porto Alegre: IECLB.
- LINGS, George. In: CHURCH OF ENGLAND. *Braking New Grond: Church Planting in the church of England*. London: Church House Publishing, 1994. Disponível em: <www.encountersontheedge.org.uk/MS/MSCreports/Suggestedguidelines.htm>. Acesso em: 20/10/2008.
- LINTHICUM, Robert. *Cidade de Deus, cidade de satanás*. Belo horizonte: Missão, 1993.
- PALM, Airton (entrevista com). Curitiba, agosto de 2008. [Material não publicado].
- PEROBELLI, Whanderson (entrevista com). Curitiba, agosto de 2008. [Material não publicado].
- PINTO, Homero Severo (org.). *Missão de Deus – nossa paixão: texto-base para o plano de ação missionária da IECLB 2008-2012*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.
- SÁNCHEZ, Daniel R.; SMITH, Ebbie C.; WATKE, Curtis E. *Cómo sembrar iglesias en el siglo XXI*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 2001.
- SCHWARZ, Cristhian A. *Evangelização Básica: Propagar as boas novas de maneira agradável*. Curitiba: Esperança, 2003.
- SCHWARZ, Christian. *Mudança de Paradigma na Igreja: como o desenvolvimento natural da igreja pode transformar o pensamento teológico*. Curitiba: Esperança, 2001.
- SHENK, David W.; STUTZMAN, Ervin R. *Criando Comunidades do Reino: Modelos neotestamentários da implantação de igrejas*. São Paulo: Cristã Unida, 1995.
- STEFFEN, Tom A. *Líderes que pasan la posta: plantación de iglesias y retirada progresiva*. Buenos Aires: Kairós, 2006.
- STOTT, John. *Perfil do Pregador*. São Paulo: Vida Nova, 2005.
- VOLKMANN, Martin. “Edificação de comunidade”. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (org.). *Teologia Prática no Contexto da América Latina*. 2 ed. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: Sinodal.
- WAGNER, Peter. *Plantar Igrejas para a Grande Colheita: O mais eficiente método de evangelização debaixo do céu*. São Paulo: Abba, 1993.
- WEGENAST, K. “διδασκω”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- ZIMMERMANN, Johannes. “Was wurde aus dem missionarischen Gemeindeaufbau? Zwischenbilanz 25 Jahre nach Überschaubare Gemeinde”; in: HERBST, Michael; OHLEMACHER, Jörg; ZIMMERMANN, Johannes. *Missionarische Perspektiven für einne Kirche der Zukunft*. 3 ed. Neukirchen-vluyn: Neukirchener Verlag, 2008.